



## Diário de uma Floresta Seca







**DEYSE CARDOSO REIS**

## **Diário de uma Floresta Seca**

**Salvador  
2007**





**Capa**

Isadora Abreu

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Milena Marcelino

Reis, Deyse Cardoso

Diário de uma floresta seca / Deyse Cardoso Reis. – Salvador:  
FSBA, 2007.

94 p. ; 15 cm.

1. Doenças mentais - Relato de casos. 2. Sistema nervoso - Doenças.  
I. Título.

CDD: 616.89





## **Sumário**

<b>Apresentação</b>	<b>7</b>
<b>O começo de tudo</b>	<b>11</b>
<b>Vasculhando o passado</b>	<b>31</b>
<b>Para entender, tem que contextualizar</b>	<b>57</b>
<b>Impressões de uma jovem jornalista</b>	<b>85</b>







## Apresentação



*“Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”.*

Mario Quintana

Demorei muito para definir o que seria meu projeto de conclusão do curso de jornalismo. Perpassei pela idéia de construir um website com críticas de cinema, fazer um programa de rádio e até mesmo criar uma revista voltada para o público masculino. Só que nenhuma das idéias me fez realmente sentir tesão. Após uma aula de telejornalismo, na qual criei uma série de reportagem abordando o tema dos transtornos psicológicos, fiquei atenta à importância daquele assunto. Senti-me instigada e motivada a continuar o trabalho de informar e alertar as pessoas frente à gravidade do problema. Daí nasceu a idéia de escrever um livro para compartilhar com o público leitor as minhas experiências, minhas vivências e minhas impressões ao longo do processo.

[7]







O tema dos transtornos psicológicos é muito complexo. Escrever apenas uma reportagem que tivesse informações sobre os sintomas e seus possíveis tratamentos não seria o suficiente para dar dimensão ao leitor da importância do assunto. É preciso entender o que se passa no contexto social e familiar de cada pessoa para encontrar o motivo que ocasionou o surgimento do distúrbio. É preciso fazer uma verdadeira garimpagem e ir a fundo nas histórias. É mais do que um trabalho de pesquisa e redação, é envolver-se. Além disso, é difícil aprender a ver e a ouvir as pessoas para entendê-las e quebrar nossos próprios preconceitos.

[8]

A opção pelo livro-reportagem não foi à toa. Eu poderia contar as histórias dos personagens através de diferentes veículos jornalísticos, como um documentário ou um programa de rádio, por exemplo. No entanto, eu queria um meio que me desse liberdade de escrita, que me proporcionasse dialogar, interagir e brincar com o leitor, sem deixar de lado a informação e minha veia jornalística. Por esse motivo, não conseguia pensar em nenhum outro instrumento melhor do que o livro-reportagem.

É bem verdade que quatro meses, contando com as minhas férias do meio do ano que não existiram, é um tempo bastante reduzido para se construir um livro-reportagem. Acredito, porém, que cumpri a minha missão enquanto





estudante de jornalismo. Convido os eventuais leitores a vivenciar comigo as experiências da prática da profissão e a entender melhor sobre o assunto em questão.

*A autora*

[9]









## O começo de tudo

Era aula de telejornalismo. Minha professora colocava no quadro as orientações necessárias para realizarmos o trabalho: uma série de reportagem, composta por cinco matérias de diferentes angulações para um mesmo tema. Teríamos que nos dividir em grupos, em que cada componente seria responsável pela criação de uma série. Apenas uma seria escolhida e desenvolvida.

[11]

Foi o suficiente para gerar pânico e nervosismo em toda a classe. “*E agora? Que tema eu vou escolher?*”, pensei. Voltei para casa e quebrei minha cabeça, pensando em diversos assuntos, mas nenhum me provocava aquela sensação de “*eureka!*”. Nessas horas, nada melhor do que acalmar as idéias e fazer outra coisa, de preferência algo prazeroso, para deixar a cuca fresca.









Peguei o telefone e liguei para minha avó. Naquele dia, ela estava bastante preocupada. Minha tia Sheila, diante da imensa carga de trabalho e de alguns problemas pessoais, estava deprimida e vovó queria que ela procurasse um psicólogo. Depois da nossa conversa, como se eu fosse personagem de um desenho animado, uma imensa e brilhante lâmpada surgiu sobre a minha cabeça. “*É isso!*”.

Por que ficamos emocionalmente perturbados? Nunca tinha parado para me questionar. Doença não escolhe crença, idade, sexo ou condição social. Qualquer pessoa **pode** ficar doente de uma hora para outra. Depende de muitos fatores, como hereditariedade, disfunções hormonais, condições climáticas e não param por aí. Os transtornos psicológicos seguem esta mesma lógica.

[12]

Comecei a pesquisar para construir a minha série. Desde 1994, a Organização Mundial de Saúde, através da publicação de um relatório de pesquisa, passou a se preocupar com os transtornos da mente como problema de saúde pública. A OMS estima que, até 2020, oito bilhões de pessoas em todo o mundo sofrerão desses males. Não que a Depressão, a Ansiedade, a Síndrome do Pânico, o Transtorno Obsessivo-Compulsivo ou até mesmo o Transtorno Bipolar sejam doenças novas. Muito pelo contrário! Embora só se encontrem estudos sobre o assunto a partir do século







XVII, os filósofos gregos já se questionavam sobre essas patologias.

A sociedade moderna, entretanto, cria o terreno propício para o aparecimento desses e de tantos outros distúrbios. Estamos o tempo todo correndo, cumprindo horários e prazos. Nos preocupamos com o emprego (ou com a falta dele) e com o dinheiro curto no fim do mês para pagar as contas. Ficamos nervosos na hora de decidir, por exemplo, que carreira seguir quando vamos prestar o vestibular. A tristeza aparece se acabamos um relacionamento ou quando alguém muito querido está passando por uma situação conturbada. O tempo todo, a toda hora, enfrentamos situações adversas, nos confrontamos com muitas pressões, com muito estresse. É justamente esse ritmo louco e desenfreado que abre as portas para o novo mal do século: os transtornos psicológicos.

[13]

A série de tevê ficou pronta. Na hora da votação, infelizmente, minha idéia ficou de fora. Só que eu já estava contaminada pela necessidade de pesquisar e de compreender melhor os “porquês”, os sintomas e a vida das pessoas que sofrem com os distúrbios. Escolhi a Depressão, a Ansiedade, a Síndrome do Pânico e o Transtorno Obsessivo-Compulsivo, que são os transtornos de maior incidência na população mundial, e resolvi escrever um livro.



\*\*\*

14 de agosto de 2007. Lá estava eu, parada em frente à portaria do prédio de Vera Lúcia, localizado no bairro do Rio Vermelho, retomando minhas energias. Embora tivesse anotado o endereço e os pontos de referência corretamente, não sabia se a rua era segura o bastante para deixar meu carro estacionado. Para falar a verdade, nenhum lugar é 100% livre de riscos! Parei a alguns metros de distância, em um ponto bem movimentado, e fui caminhando em direção ao meu destino. Subi uma pequena ladeira, desviei de algumas crateras na calçada, sofria com o sol ardente que fazia em Salvador e, finalmente, cheguei à residência de Vera. Respirei fundo para me livrar do ritmo ofegante, enxuguei o suor que escorria pela testa e entrei.

Enquanto ia subindo as escadas, minha cabeça estava processando dezenas de pensamentos e perguntas. Uma delas persistia: “o que esperar de uma pessoa depressiva? Seria ela triste, melancólica?”. Último degrau. Nem precisei tocar a campainha. Uma pequenina criatura, aproximadamente 1,60m, de cabelo preto bem curto e liso e usando uns óculos de grau, já esperava por mim diante da porta com um imenso sorriso no rosto. “Olá, seja bem-vinda! Pode entrar”.

Fui desarmada quando encontrei uma mulher de sessenta anos – que mais parecia ter cinqüenta – bem humorada e extrovertida! Esse é o grande problema de um pré-julgamento! A tristeza e a melancolia de que a gente ouve tanto falar nos casos de Depressão aparecem, sim, como sintomas, mas só quando as pessoas estão em crise. Em outros casos, o humor pode variar completamente e acabamos percebendo também a raiva e a agressividade. Nos demais dias, são pessoas com vidas comuns, com atividades iguais a quaisquer outras.

Passamos pela sala, cumprimentei a mãe e o tio de Vera, dona Eunívea e seu Valdo, que estavam assistindo a um amistoso da seleção brasileira, e fui seguindo-a até o quartinho dos fundos. Lá avistei uma prateleira com vários santinhos de *biscuit*, uma mesa redonda de madeira coberta com uma toalha branca, um vaso ao centro e uma vela de sete dias vermelha acesa. Dona Eunívea acende esta vela sempre durante suas orações matinais e só a apaga antes de dormir.

No primeiro encontro, meu objetivo era conhecer a história da minha personagem, descobrir quando e como surgiu o distúrbio em sua vida. Gravador ligado, hora de tomar nota! A entrevista fluía com muita tranqüilidade e se tornou melhor do que o previsto! Vera é bem falante e espontânea. Ela ficou à vontade com a minha presença e

[15]

me contou detalhes importantes, desde a sua adolescência até os dias atuais. Fiz algumas poucas intervenções só para me situar melhor no contexto dos casos. Considerei melhor deixá-la falar, afinal, estava rendendo boas informações. Talvez se a tivesse interrompido mais, eu não conseguiria os dados que obtive.

[16]

Em 1968, com vinte anos de idade, Vera tinha finalizado o Magistério. Em casa, o clima não era dos mais agradáveis. O pai, sempre alcoolizado, a privava de sair e não permitia que ela se envolvesse com Firmino, um garoto que morava na mesma rua e por quem se apaixonara. Em uma de suas visitas a casa de uma tia, sentiu um estranho vazio tomar conta de seu corpo. Um vazio que ela não sabia explicar de onde vinha ou por que surgira. Dores abdominais. A cada minuto elas vinham com mais e mais intensidade. As forças foram-se esvaindo pouco a pouco e desmaiou. A tia, desesperada, chamou um táxi e colocou a jovem Vera no carro. As duas partiram em direção à clínica Samis, em Nazaré, único centro médico particular da cidade na época.

Quando acordou, Vera já estava no leito e o médico havia injetado algum medicamento, cujo nome ela não lembra. Deitada, fraca e se recompondo do desmaio, olhou para o canto do quarto, onde o médico conversava com a

tia, passando-lhe o diagnóstico. “Essa menina não precisa de medicação comum. Ela precisa de um psiquiatra”, sentenciou o doutor.

\*\*\*

24 de agosto de 2007. A entrevista com Patrícia deveria ter acontecido alguns dias antes, mais precisamente no dia 17 de agosto, mas eu precisei desmarcar. Tenho um sério problema no primeiro dia da minha menstruação e passo mal com vômitos intermináveis. Já fui a diferentes ginecologistas e nenhuma sabe ao certo me dizer o que tenho. Algumas arriscam no estresse e no emocional. Talvez. Estou começando a achar que sou um E.T!! Por isso achei melhor adiar. Marcamos no *Shopping* Iguatemi por indicação da própria Patrícia, já que ela prefere estar em locais conhecidos.

[17]

Cheguei cedo no *shopping* para garantir meu almoço ainda sem muito tumulto. Qualquer cidadão sabe que é *impossível* comer no Iguatemi ao meio-dia! A praça de alimentação fica abarrotada, com dezenas de pessoas em pé, segurando suas bandejas na mão à procura de uma mesa. Um inferno! Depois de comer com certa tranquilidade, dirigi-me até a pracinha de alimentação que fica no piso superior do cinema Multiplex. É o ambiente mais calmo e

silencioso do *shopping*. Lá seria tranqüilo e favorável para a gravação, se ela tivesse sido realizada. Isso mesmo, eu não gravei a entrevista! Vou explicar por quê!

[18] Meu calvário começou no dia anterior. Já sabendo que eu ia entrevistar Patrícia e Laura<sup>1</sup> (calma, adiante ela aparecerá) no mesmo dia, eu precisava transferir o áudio da entrevista de Vera para o computador. Instalei o programa, conectei o cabo ao gravador e esperava que a transferência fosse realmente rápida e prática, como informava o manual do aparelho. Não foi! Não consegui transferir nem mesmo apelando para todos os santos! Sempre fui adepta à tecnologia, mas, naquele momento, estava odiando meu gravador, que, por muito pouco, não foi arremessado contra a parede! Recorri a Eric, editor de áudio da minha faculdade. Ele tentou de tudo e nada funcionava. Só restaria gravar em tempo real, ou seja, deixar rolando a entrevista enquanto um programa qualquer de gravação de áudio faria o serviço pesado. Eram três horas de entrevista! Não tinha como Eric realizar esse procedimento lá na faculdade, pois haveria aula de Radiojornalismo no estúdio. Ele me deu umas dicas para que eu fizesse em casa. Voltei, tranqüila e esperançosa. Liguei o computador, conectei novamente o cabo ao gravador, preparei o programa para gravar.

<sup>1</sup> Nome fictício. A pessoa prefere não se identificar e me deixou livre para escolher seu pseudônimo.

Só faltava dar *play* para deixar a entrevista rolando. *Play*. Cadê a entrevista? Eric, sem querer, **A-PA-GOU!!!**

Minha primeira reação foi voltar à faculdade e matar Eric, mas contive meu instinto assassino. Respirei fundo, abri um bloco de notas no computador e comecei a anotar tudo o que lembrava. Para minha sorte, eu tinha ouvido o conteúdo no dia anterior. Minha memória ajudou de forma impecável. De qualquer forma, teria que voltar a me encontrar com Vera para perguntar sobre um episódio em especial. Vai ser chato pedir para ela recontar um fato, mas não tenho outra alternativa!

Mas... vamos voltar ao encontro com Patrícia! Fiquei sentada esperando-a chegar. Pontualmente, no horário combinado, ela apareceu. Aos 32 anos de idade e mãe de duas meninas, Patrícia parece uma adolescente! O *look* esportivo, composto por camiseta, *jeans* e tênis, ajudou a torná-la ainda mais jovem. A baixa estatura – aproximadamente 1,60m – os cabelos lisos, castanhos e curtos na altura do ombro, além da simpatia, só reforçam a imagem de jovialidade.

Patrícia estava super à vontade. Talvez pelo fato de já me conhecer um pouco. Cursamos o primeiro semestre da pós-graduação de inglês juntas. Certo dia, durante o nosso intervalo para o lanche, estávamos conversando com os

[19]

colegas de classe, perguntando sobre o que cada um fazia da vida. Eu comentei que estava quase me formando e expliquei a idéia do meu livro. Patrícia indagou se eu já tinha alguma fonte para Síndrome do Pânico e relatei que ainda estava à procura. Ela me puxou para o canto e confessou sofrer da patologia; sem pensar duas vezes, ofereceu-se para ajudar. Segundo ela, seria uma ótima forma de utilizar sua doença para alguma coisa boa.

Comecei a separar meu bloco de anotações e minha caneta enquanto ia conversando com Patrícia a respeito da escolha do local. Há alguns meses, havia sido inaugurado um novo *shopping center* na cidade e era **A** febre do momento. Todos queriam dar uma passadinha para desfrutar as novas opções de lojas. “[**20** *Eu não conheço ninguém no novo shopping*”, confessou Patrícia. Certa vez, ela estava passeando e olhando as vitrines no Iguatemi quando teve uma crise de Pânico. Começou a tremer, seu coração disparou, o pavor e o medo tomaram conta de seus pensamentos e a sensação de mal-estar era imensa, insuportável. “[*O que fazer agora?*”. Ela prontamente correu até a farmácia. Por ser cliente regular do estabelecimento, os funcionários já a conheciam bem. Lá, foi socorrida por uma das atendentes, que lhe deu um copo de água e ficou com ela até que seu estado “normal” fosse recuperado, o que não demorou a

acontecer. Em média, uma crise de Pânico dura entre 10 e 20 minutos.

Sem gravador e tendo que encarnar o personagem de máquina humana, começamos a conversar. Confesso que fiquei bastante receosa com relação à entrevista, pois esperava que Patrícia não se lembrasse de tantos detalhes quanto Vera ou que não falasse tanto. Mais uma vez, me enganei! Se eu fosse vidente, passaria fome! Ela é tão falante quanto Vera. Vez ou outra se perdia nas histórias. Eu me esforçava para lembrá-la acerca do assunto sobre o qual estávamos falando, mas nada que nos atrapalhasse.

“*Quando tudo começou?*”, perguntei. Era hora de anotar seu depoimento. Com 25 anos, Patrícia já estava casada e tinha uma filhinha, Maria Clara. Trabalhava como assistente de *marketing* em uma das maiores vídeo-locadoras da cidade, enquanto seu marido cursava a faculdade de Engenharia Civil e estagiava em uma empresa do ramo. Sentada no sofá da sala, acompanhada da filha e da empregada Lili, Patrícia assistia à televisão e comia pão com ovo – hábito que só voltou a realizar tempos depois, quando superou o trauma. Seus pais tinham acabado de deixar o apartamento no Imbuí após uma rápida visita. Começou a sentir uma imensa tontura. O coração batia acelerado e uma onda de medo da morte brotava sem dar explicações. Correu até a varanda,

[21]

agarrou-se contra a grade de proteção, que fora colocada por conta de Maria Clara, e começou a rezar para sua santa de devoção: Nossa Senhora de Nazaré. “*Por favor, não me deixe morrer, minha santa*”, suplicava. Pegou o telefone e ligou para o celular do pai. Pediu que ele voltasse pra casa depressa, pois estava se sentindo muito mal. Minutos depois, os pais retornaram. Patrícia já estava se sentindo melhor. “*Foi só um susto*”, pensou.

\*\*\*

[22] Depois que finalizei a entrevista com Patrícia, liguei para confirmar o encontro com Laura (aquela, de algumas páginas atrás). Por duas vezes ela desmarcou comigo. Na primeira vez, não nos encontramos porque ela teve uma crise de Ansiedade pela manhã, durante o trabalho, e foi para casa descansar. Na segunda, ela me mandou um *e-mail* dizendo que preferia marcar para outro dia, pois estaria completamente recuperada. Como nossas tentativas de encontro foram até então instáveis, achei melhor confirmar a reunião. Depois que ela me deu o sinal verde, parti em direção ao *Shopping Barra*.

A praça de alimentação do *shopping* não era o local mais adequado para nós, ainda mais se eu estivesse gravando a entrevista. Como eu iria incorporar novamente o papel de



gravador humano, não seria um problema. A escolha do local foi determinada por ela, já que é mais perto do seu trabalho, uma escola pública situada no bairro da Federação.

Fiquei fazendo uma boquinha até ela chegar. Estava aguardando uma pessoa alta e com uma roupa bege, coordenadas que ela me passou durante a ligação. A descrição batia! Laura, 39 anos, tem entre 1,70m e 1,75m de altura, é magra e mulata de traços finos. Usa um aparelho nos dentes e óculos para corrigir a visão. Seu cabelo é crespo, ainda que alisado, castanho, ralinho e na altura dos ombros.

Letícia, minha amiga, trabalha com ela na escola Madre Judith, mas não havia me informado nada sobre ela. Portanto, não sabia o que esperar. Em contrapartida, esta mesma amiga tinha passado várias informações sobre mim a Laura, que chegou comentando suas trocas de dados e me perguntando sobre música e cinema – minhas duas paixões. Foi até engraçado, afinal, eu estava no papel de jornalista, mas era ela quem estava mais informada!

Em razão do tema abordado, a imagem pré-concebida de pessoas tristes e retraídas é a que primeiro vem à nossa mente. Nos dois primeiros casos, me enganei redondamente, como se costuma dizer na linguagem popular. Laura foi a primeira que fez jus à regra. Ela é extremamente tímida, não é muito falante e é bem introspectiva. É bastante

[23]





vulnerável e com a auto-estima visivelmente baixa. Arrancar informações dela foi mais desafiante do que com Patrícia ou com Vera. Enquanto as outras jorravam informações, evitando que eu precisasse intervir muito com perguntas, com Laura fui obrigada a interferir muito.

[24]

Um outro ponto a ser levado em consideração é que ela estava bem abatida e parecia cansada. Notei também que seus lábios tremiam. Talvez por conta da semana difícil, repleta de crises de Ansiedade. Era compreensível que não estivesse 100% naquele dia. Em nenhum momento, porém, deixou de ser prestativa e carismática. Perguntei se ela me acompanharia no lanche, mas não sentia fome. Começamos a conversar sobre temas aleatórios, como religião – Laura é Testemunha de Jeová - e cinema, diferentes daquilo que era proposto para aquele encontro. Quando vi que iríamos prolongar, peguei meu bom e velho bloco de notas, minha caneta e perguntei se poderíamos iniciar nossa entrevista. Novo sinal verde. Era hora de retomar as anotações!

Aos 23 anos, Laura já estava formada em Secretariado Executivo. Havia passado por diferentes empregos, como caixa de restaurante, recepcionista e auxiliar de escritório, mas não sabia exatamente que carreira gostaria de seguir. Estava desempregada, confusa e seu relacionamento com Paulinho acabara. Em casa, ao lado da mãe, Laura começou





a se sentir angustiada. Jogou-se no chão, iniciou uma gritaria sem fim e falava coisas completamente sem nexos. Não queria se levantar e chorava muito. A mãe, nervosa, começou a gritar “*Laura, levanta do chão!*”. Parecia mais um chilique de criança mimada. Era, na verdade, sua primeira crise de Ansiedade.

\*\*\*

Levei muito tempo para encontrar um portador de Transtorno Obsessivo-Compulsivo. O T.O.C., como é vulgarmente conhecido, não é uma doença rara, mas é sigilosa. Quem tem T.O.C., na maioria dos casos, não sabe que está doente. Acredita que é apenas uma pessoa cheia de manias. A família, se não prestar atenção cuidadosamente, também tende a pensar que os atos repetitivos e as compulsões por limpeza, por organização, ou por qualquer outro motivo, são apenas “frescuras”. E, quando o paciente descobre que é portador, procura esconder dos parentes, dos amigos. Sente vergonha.

Eu precisava de um ponto de partida e de alguém que me ajudasse. Para dificultar ainda mais o trabalho, precisava de uma personagem mulher. Em minhas pesquisas, encontrei o artigo científico *Epidemiologia dos transtornos psiquiátricos na mulher*, na Revista de Psiquiatria Clínica, que



[25]



mencionava as mulheres como líderes dos grupos de risco nos transtornos psicológicos. Os hormônios femininos, especialmente o estrogênio, atuam na formulação do humor. As alterações constantes do nível de hormônios pelas quais passamos nos tornam mais vulneráveis, e fatores psicológicos, ambientais, culturais e fisiológicos nos atingem com mais facilidade. Quer prova maior de que ser mulher é difícil? E ainda me perguntam por que existe Dia Internacional da Mulher!

[26]

Pedi ajuda a Tiago, meu amigo e colega de classe, que me indicou sua prima e uma amiga da família para que eu as entrevistasse. Fiquei esperançosa, afinal, estava literalmente “caçando uma fêmea” que tivesse T.O.C. Primeiro, liguei para a prima. Para minha tristeza – e felicidade da garota – ela não sofria da doença. Ela apenas gostava de dormir em silêncio profundo! Nem toda mania pode ser encarada como um sintoma do Transtorno Obsessivo-Compulsivo. De certo modo, todos temos uma maniazinha aqui, outra ali, mas isso não significa que temos obsessão ou compulsão. Só se pode interpretar como doença quando essa mania interfere socialmente no comportamento do indivíduo, quando sua vida é afetada, comprometida. Liguei para a segunda opção, a amiga da família de Tiago. Conversei com a mãe da menina, que me disse, de forma branda e sutil, que a filha não conversaria comigo. A



garota não gosta de assumir o problema e tem sérias restrições só de pensar em se tratar.

Estava de volta ao marco zero, sem nenhuma carta na manga. Como milagre, durante um bate-papo com minha amiga Cláudia, estudante de Psicologia, ela me informou que no Hospital das Clínicas, aqui em Salvador, existe um ambulatório específico para T.O.C. que funciona todas as segundas-feiras, a partir de uma e meia da tarde. Cheguei ao Hospital e levei, aproximadamente, 40 minutos até descobrir onde era o ambulatório. Ninguém sabia me dar uma informação precisa! Depois que me situei no local correto, pedi para falar com um dos responsáveis. A atendente, de uma simpatia semelhante à de um eqüino, não quis me deixar falar com a médica. Como sou insistente e “brasileiro não desiste nunca”, em uma das escapulidas de Dra. Amanda Galvão, entrei no consultório. Apresentei-me, contei minha situação e pedi ajuda. Ela me indicou a *Abastoc*, Associação Baiana para Portadores de Síndrome de Touriette e Transtorno Obsessivo-Compulsivo, e sugeriu que entrasse em contato com Cristina Fernandes, presidente da Associação.

Conversando com Cristina, descobri um dado importante de que eu não tinha conhecimento. Em relação ao T.O.C., a mulher não lidera o grupo de risco. Ao contrário! A preponderância é masculina. Naquele momento, não estava



[27]

acontecendo nenhuma reunião da Associação – os encontros são realizados trimestralmente. Mesmo assim, Cristina me passou o contato de Alef <sup>2</sup>, que, muito solícito, não se incomodou em falar comigo. Marcamos no *shopping Itaipara* porque era mais perto do trabalho do entrevistado. Como fazer entrevista em *shopping* já estava se tornando uma prática habitual, concordei e agendamos o encontro.

[28] 01 de outubro de 2007. Eu colocava meu inglês em prática lendo uma revista estrangeira enquanto esperava por Alef. Fiquei sentada em um sofá perto de uma escada rolante hiper barulhenta que já estava me dando nos nervos! O celular tocou. Era Alef confirmando a sua presença. Eu descrevi como estava vestida e ele me informou que já se encontrava no *shopping* e iria apenas subir as escadas. Um rapaz de 27 anos e com aproximadamente 1,70m, mulato claro, vestindo uma calça jeans, uma camiseta e tênis, com gel no cabelo e dois brincos prateados na orelha direita, parou em minha frente e perguntou: “*É você que é Deyse?*”. Confirmei, balançando a cabeça. Nos direcionamos para um banquinho ao lado para nos afastarmos da chata escada rolante.

Desta vez, eu estava mais bem equipada. Comprei um MP4 com gravador de áudio. Se quisesse ouvir

<sup>2</sup> Nome fictício. O rapaz prefere não se identificar e me sugeriu um nome de seu agrado.



novamente a entrevista, era só colocar um básico fone de ouvido e pronto. Se quisesse transferir o áudio para o computador, bastava conectar o cabo USB e puxar o arquivo para uma pastinha qualquer. Eu fazia as pazes com a tecnologia! Mas, como já dizia minha mãe, “seguro morreu de velho”, e levei também meu companheiro e amigo de todas as horas – o bloco de notas.

Aos 23 anos de idade, Alef estava em casa e queria assistir a um filme, cujo nome não lembra mais. Recorda apenas que era um épico, provavelmente um desses sobre a Roma antiga. A televisão da sala estava desligada, assim como o aparelho de DVD. Ele decidiu ligá-los, plugou os cabos a uma extensão e depois conectou na tomada. Por algum motivo, Alef achou que os plugues não estavam bem conectados. Desplugou então a TV e depois o DVD. Pegou novamente os cabos, colocou-os na extensão e depois na tomada. “*Hum... ainda não é isso*”, pensou. Tinha alguma coisa errada com os plugues e ele precisava reconectá-los. Retirou os cabos da extensão e da tomada e refez o processo todo. O pai passava pela sala e teve a atenção atirada diante do “liga-desliga” dos aparelhos. Enquanto o pai encarava o filho parado, em pé, ao lado do sofá, Alef continuava a ligar e desligar os plugues como se fosse a mais importante das missões. Em um ato de raiva, o pai de Alef puxou-o

[29]





pela camisa atirando-o ao chão e começou a bater no rapaz. “*Para com essa frescura, moleque*”, esbravejava o pai. Entre um golpe e outro, as lágrimas desciam pelo rosto de Alef que, em busca de defesa e piedade, suplicava: “*Pare, meu pai, por favor. Eu não sei o que me dá, eu não consigo controlar*”.

[30]







## Vasculhando o passado

Agora que eu já sabia realmente o endereço, coloquei o carro em frente ao prédio e me despreocupeí com a hora. Poderia sair tarde da noite que não haveria mais problemas. Vera me recebeu muito bem mais uma vez, embora estivesse um pouco agoniada. Sua irmã Celtenira, a mais nova das seis, estava dedetizando o apartamento e, por isso, ficaria na casa até o serviço terminar.

[31]

Vera me guiou novamente até o quartinho dos fundos, atrás da cozinha, para continuarmos nosso bate-papo. Sentei, coloquei minha mochila na cadeira enquanto a esperava e percebi que, sobre a mesa, encontrava-se uma taça e uma pequena compota de alumínio. Vera voltava da cozinha com uma garrafa de Coca-Cola e me avisou que, dentro da







compota, existiam sequilhos e eu poderia me servir à vontade. Minha mãe sempre disse que é feio recusar algo oferecido, então... Acabei aceitando e me servindo. Com o calor que estava, a “coquinha” gelada veio bem a calhar. Perguntei se Vera me acompanharia na “bebedeira”, mas ela me confessou que não podia mais tomar refrigerante, por conta do gás. Ela estava ficando muito estufada e o médico pediu para manear na dose. Vera é louca por Coca-Cola e, se depender dela, bebe a todo instante.

[32]

Enquanto fazia meu lanchinho, escutava a história de vida de Vera Lúcia. Primogênita de seis filhas, Vera foi criada com aquela educação rígida e machista, segundo a qual a mulher não tem muitos direitos, mas tem diversas obrigações. O pai, Caetano da Bahia, como era conhecido, era um representante farmacêutico e vivia viajando pelo interior do Estado para levar os remédios da empresa até os médicos das cidades pequenas. Dona Eunívea, a mãe, trabalhava em casa como costureira. A família sempre morou no bairro do Rio Vermelho, na mesma rua, Archibaldo Baleeiro, e no mesmo lugar. Vera estudou na escola pública São José, também no Rio Vermelho. Lá estudou e começou a ensinar quando terminou o Magistério. Seu mundo se resumia àquele bairro e ela tem orgulho disso.

Cansado de tanto viajar de cidade em cidade mostrando e entregando remédios, Caetano saiu do emprego



e resolveu ficar em Salvador junto com sua esposa e filhas. Na capital, o emprego estava escasso. Ele não conseguia trabalho. Uma antiga frustração voltou à tona. Tornar-se médico era seu sonho, só que o pai, avô de Vera, por alguma razão ainda desconhecida, o proibiu de estudar Medicina. Os outros irmãos, contudo, seguiram a profissão. Ressentido, cansado e sem trabalho, Caetano começou a beber quando Vera ainda estava na adolescência. Alcoólatra, Caetano se transformou e a vida da família virou um inferno.

Certo dia, Vera e suas irmãs estavam na sala brincando e conversando, enquanto sua mãe costurava as fantasias para o Carnaval. Dona Eunívea pedia para que as garotas falassem e rissem mais baixo, já que o pai estava dormindo depois de ter tomado um porre. Era melhor que ele não acordasse... Controlar uma criança não é nada fácil, ainda mais quando ela está se divertindo. As meninas continuaram a rir alto, desacatando a ordem da mãe. Foi o suficiente para despertar Caetano, que chegou à sala gritando e esbravejando, dizendo que não conseguia dormir com toda aquela barulheira. Perguntou o que elas estavam fazendo e viu as fantasias prontas penduradas na cadeira. Ele pegou todas as roupas e, antes que começasse a rasgá-las, Vera as tomou de sua mão. *“Por ser a filha mais velha, eu tinha que dar o exemplo. Dei a minha fantasia de índio em troca das roupas de*

[33]

*minhas irmãs*”, lembra. “*Papai pegou a tesoura e cortou toda a minha fantasia*”.

Outro evento marcou Vera. Ela e suas irmãs faziam *ballet*. Segundo ela, as meninas praticavam apenas por curtição, só para sair de casa e ter com quem conversar. Para Vera, a dança era mais do que um entretenimento. Era algo de que ela realmente gostava, que lhe dava prazer. Depois que voltaram da aula, todas vestidas com suas malhas cor-de-rosa e com a saia rodada de filó na cintura, elas começaram a dançar na sala. Caetano veio bufando e começou a rasgar a roupa de Vera. Filha nenhuma de Caetano poderia dançar ou trajar roupas como aquela! Quem fazia *ballet* era mulher “de caráter duvidoso”.

[34]

Ir à praia? Nem pensar. Se, por alguma sorte, elas conseguissem ir, só podiam vestir maiô. Biquíni? Fora de cogitação! Furar a orelha? Também não. Essa regra, no entanto, não foi acatada por todas as filhas. Elas se rebelaram. Vera não. Como ela diz, a irmã mais velha tem que dar o exemplo. Usar um brinco sem pressão só se tornou realidade aos 50 anos.

Os anos foram passando e a puberdade foi chegando. As paixões começaram a surgir e os olhares já não eram mais os mesmos. Vera, com 16 anos, conheceu Firmino, amigo de seu primo Nilo, que tinha acabado de se mudar

para sua rua. Ela se apaixonou de imediato. Nascia um amor platônico, daqueles de juventude. Firmino morava na casa ao lado com os avós, já que havia perdido os pais com oito anos. Nilo era a favor do namoro e incentivava a prima a se aproximar do colega. Muito tímida, Vera preferia ficar reservada no seu canto. Toda vez que ele passava na rua, ela acenava para ele com os olhinhos brilhando. O que parecia ser o início de uma paixão adolescente, não passou deste estágio.

Caetano, sempre que encontrava o rapaz na rua, começava a xingá-lo. Dizia com força e rigidez que Firmino estava terminantemente proibido de ter qualquer envolvimento com sua filha e que ele passasse bem longe de sua casa. Vera não entendia como aquele sentimento, até então mantido só para ela, caíra no conhecimento de seu pai. Namorar Firmino, agora, era mais do que um sonho platônico. Era algo impossível de acontecer. A rotina da jovem Vera mais parecia a sina das pobres princesas dos contos de fadas, enclausuradas nos calabouços. Ela não podia sair que seu pai ia logo atrás para ver o que ela fazia. Ele já imaginava que Vera estava indo ao encontro do rapaz. Sua vida se resumia à escola, passeios familiares e casa. Principalmente **casa**. A idéia de ir para um convento não saía do pensamento de Vera, mas nunca foi concretizada. Ano entrava e ano saía

[35]

e a situação era a mesma. Sua vida era pura tristeza. A reviravolta aconteceu três anos mais tarde, quando Firmino foi embora. Angustiada com a perda, Vera conquistava sua “carta de alforria”. Sem a ameaça da presença do rapaz, Caetano concedeu-lhe a liberdade novamente.

[36] A vida cheia de repressão e privações, adicionada à curiosidade de saber quem teria contado sobre sua paixão por Firmino ao pai, consumia Vera. A Depressão encontrou um terreno propício para se instalar. Aos 20 anos, aconteceu a primeira crise. Viver sob o mesmo teto com o pai alcoólatra não era fácil. Ver brigas constantes entre seus pais também não era prazeroso. Com 21 anos, Vera Lúcia, maior de idade, saía de casa para viver com a avó materna. Saiu de casa sem falar com o pai. Um ano mais tarde, Caetano e dona Eunívea se separaram e ela voltou a viver com a família. Caetano foi morar em um apartamento alugado por sua irmã, que passou a sustentá-lo, e vivia sozinho, sem amigos e sem a visita das filhas. A vergonha do pai alcoólatra as impedia de vê-lo. Somente dona Eunívea aparecia para lhe levar algumas roupas e alimento. Caetano emagreceu, deixou a barba por fazer e ficou tuberculoso. A Depressão, que em homens, em geral, vem somada com o uso de alguma substância química, tinha encontrado outro hospedeiro.

Curado da tuberculose, Caetano da Bahia descobriu que tinha Diabetes. Aos 50 anos, finalmente, parou de beber.

Aos 60 anos, sobreviveu a um infarto e continuou solitário. Os bicos como vendedor, que fazia para se manter, já não eram mais possíveis. O infarto o deixara bastante debilitado. O que lhe restava eram as visitas aos Filhos de Gandhi.

Vinte e nove anos depois, mais precisamente em 1996, Vera voltou a falar com o pai, que não a reconheceu. Ela descobriu que fora sua mãe quem delatara sua paixão por Firmino a Caetano. Ele foi pegar um dinheiro na carteira de Vera certa vez e viu a foto do rapaz. Com raiva, começou a tirar satisfação com todos os que estavam em casa à procura de informações sobre aquela foto. Pressionada, dona Eunívea lhe contou que o garoto da fotografia era Firmino, vizinho da família, por quem Vera nutria sentimentos. Quando a dúvida que perdurou 29 anos foi solucionada, ela decidiu perdoar o velho pai. Já a mãe, que, como ela afirma, nunca lhe dera amor de verdade, depois dessa traição, perdeu o seu respeito. “*Nós ainda moramos juntas, mas eu faço questão de bater testa. Eu passo na cara que não sinto amor por ela ou pela sua família*”, confessa. Vera é a única das filhas que ainda visita o túmulo de Caetano, que morreu aos 78 anos. Quando perguntei o que ela sente pelo pai, ela me respondeu: “*Saudade*”.

[37]

\*\*\*

Liguei no início da semana para saber se seria possível marcar uma entrevista, afinal, teria um feriado prolongado pela frente e ela poderia não estar na cidade. Para minha sorte, o marido de Patrícia, Alberto, tinha viajado a trabalho e ela estaria em Salvador, livre para me receber. A pedido dela, a entrevista ficou agendada para acontecer em sua residência. Tomei nota do endereço e parti em direção ao bairro do Imbuí.

[38]

Para meu alívio – pois não sou boa conhecedora da minha própria cidade - o prédio de Patrícia foi bem fácil de encontrar. Estacionei o carro na rua sem saída e fui até a entrada do edifício. A “porteira” - sim, era uma mulher! - estava em clima de feriadão e tirava um belo cochilo. Infelizmente, fui obrigada a acabar com aquele momento prazeroso batendo na janelinha da portaria. Como eu já esperava, ela levantou com extremo mau humor e perguntou “*o que eu queria*”. Disse que estava indo para o apartamento de Patrícia e, antes que eu concluísse minha fala, a “moça gentil” foi logo avisando que Patrícia não estava. De qualquer forma, ela iria ligar para o apartamento e conversar com a empregada para saber se ela me autorizaria subir. Sinal verde. As portas do paraíso se abriam e eu deixava o “capeta” de lado em sua nova tentativa de sono profundo, longe de perturbações terrenas.

Realmente Patrícia não se encontrava em casa. Tinha ido ao supermercado e ainda não havia voltado. A empregada me recebeu e me direcionou até a sala, onde fiquei sentada. Escolhi, intuitivamente, o canto do sofá rabiscado de caneta – o que é bastante comum em um apartamento com crianças. A empregada ligou a televisão. Estava passando “Vale a Pena Ver de Novo”. Nossa! Há muito tempo eu não realizava esse ato de ociosidade! Peguei o celular, fiquei fuçando um pouco e acabei descobrindo vários joguinhos interessantes. Uns quinze minutos depois, a porta se abria.

Patrícia chegava com imensos pacotes de fralda e, na sua frente, estava a pequena Ana Luísa ou, simplesmente, “Lulu”, com dois aninhos. Com certeza uma das crianças mais bonitas e fofinhas que eu já vi. Fui logo tentando fazer contato, perguntando seu nome, pegando em sua mãozinha, mas senti que ela não queria papo comigo. Patrícia me deu um abraço, pediu-me desculpas pelo atraso e foi até o quarto guardar os pacotes. Lulu tirou logo a roupa e, com as perninhas gorduchas à mostra, sentou ao meu lado no sofá. Insisti em um papo amigável. Ela simplesmente olhou para mim, levou o dedinho à boca em um gesto de silêncio e apontou para a televisão, como se quisesse dizer “*ob, sua chata, eu tô querendo assistir à novela!*”. Respeitei sua vontade e fiquei apenas admirando-a em silêncio.

[39]

A empregada puxou Lulu para dar um bom banho e depois foi esquentar o almoço das duas. Patrícia me ofereceu um pedaço de lasanha, mas tive que recusar. Eu já havia almoçado com a minha irmã algumas horinhas antes. Enquanto isso, Lulu ia devorando um prato de carne moída com purê de batatas. Uma verdadeira lambança! Permaneci sentada no sofá, esperando Patrícia terminar sua refeição e ia me divertindo com Lulu.

[40] Tudo pronto, era hora de começar a entrevista. Foi o que eu pensei... Patrícia deu um beijo em Lulu e avisou à pequena que desceria para conversar comigo no *playground*. Pense no berreiro! “*Não, você não vai, eu também quero ir!*”. Fomos obrigadas a esperar a garotinha terminar de almoçar. Nesse meio tempo, ficamos no quarto de Patrícia e fui fazendo algumas perguntas para adiantar. A memória de Patrícia falhou. Ela se pôs a vasculhar armários e gavetas atrás de papéis e pistas que ajudassem a resolver o problema.

Lulu terminou o almoço e correu em direção ao quarto para nos encontrar. Patrícia, mais uma vez, lhe avisou que desceria comigo para o térreo, onde iríamos conversar. Sem acordo! A pequena abriu um berreiro e fincou o pé dizendo que iria junto conosco porque ela queria “*ficar com a mamãe*”. Patrícia a colocou no braço e a acalmou dizendo que dali não sairia. Foi o suficiente para dar fim à choradeira.

Comecei a rir. Apesar de pequenina, a danada já era mestre na arte da chantagem emocional. Uns minutos depois, ela caiu em sono profundo e nos deu uma trégua para continuarmos a entrevista.

Como o bercinho dela fica no quarto de Patrícia, nos dirigimos ao quarto de Maria Clara, a filha mais velha, que não estava em casa naquele momento. Um quarto lindo, vale frisar. Na parede, a pintura de um vale e diversos bonequinhos em alto relevo compunham a paisagem. Fiquei sentada em uma cadeira e, de frente para mim, Patrícia ficou deitada na cama da filha. Estava cansada e indisposta. No dia anterior, tivera uma crise de Pânico à noite e recorreu à vizinha, que a deixou ficar por algumas horas em sua casa.

Patrícia teve uma adolescência conturbada. A mãe sempre fora ausente, não dava a atenção de que Patrícia necessitava. “*Minha mãe nunca foi minha amiga e nunca procurou saber o que se passava comigo. Nossa relação não foi das melhores*”, desabafa. Sua ligação sempre fora com o pai e sua mãe, que o endeusava, tinha ciúme da relação dos dois, o que dificultava ainda mais o convívio entre mãe e filha. Patrícia se sentia muito presa, tinha muitos limites. Viajar com os amigos era algo além do alcance. Dormir na casa dos coleguinhas também estava fora de qualquer cogitação. A pouca liberdade que tinha, Patrícia usava e abusava de forma

[41]

inconseqüente. Como ela mesma se intitula, foi uma adolescente “*porra-loca*”. Acredito eu que essa atitude era uma forma inconsciente de chamar a atenção da mãe, mas não sou psicóloga para atestar. As brigas entre as duas eram constantes. Patrícia é a caçula e com o irmão também não tem uma relação das mais amistosas.

[42] Trabalhando como recepcionista no UEC, conceituado curso de Inglês de Salvador, Patrícia conheceu Alberto, um dos alunos da escola que sempre flertava com ela quando passava pela recepção. Os dois começaram a namorar e, sete meses depois, Patrícia engravidou de Maria Clara. Aos 22 anos e com uma gravidez de 4 meses, Patrícia casou com Alberto. Seria um alívio finalmente sair de casa. Puro engano! Dois jovens, sem ter como se sustentar, começaram a vida a dois indo morar com a família de Patrícia. As brigas com a mãe perduravam e ela nunca conseguia dormir todos os dias naquele ambiente. Algumas noites, ela procurava abrigo na casa da sogra, que também os ajudava financeiramente. Um tempo depois, a mãe de Alberto conseguiu alugar um apartamento para o casal na Graça. “*Paz, finalmente*”, pensou Patrícia, aliviada. Início de casamento é sempre mil maravilhas e muito amor.

A prática, contudo, tem sempre uma exceção para quebrar a regra! O relacionamento não ia bem. Alberto ainda

não tinha se acostumado com a vida de homem comprometido e continuava a levar a rotina de solteiro. Insistia em bater a bolinha com os amigos no mesmo dia habitual, saía para tomar um choppinho com os colegas sem dar satisfações à Patrícia, chegava tarde em casa por conta das noitadas em festas. Isso a irritava profundamente, já que ficava a esperar em casa junto com Clarinha. Patrícia quebrava móveis e objetos da residência diante do aborrecimento. Ligava diversas vezes para o celular do marido e deixava recados desaforados na caixa de mensagens. Certa feita, chegou a quebrar a caixinha acrílica de um CD e cortou Alberto. Outra vez, até o ameaçou com uma faca se ele a deixasse sozinha em casa de novo. Toda a sua educação ia pelo ralo abaixo e, de dez palavras que trocava com o esposo, dez eram palavrões.

Três anos depois, o comportamento de Alberto ainda era o mesmo. Estava começando a sair da faculdade e a estagiar. Patrícia, sozinha, achava conforto na pequena Clara quando voltava da vídeo-locadora onde passou a trabalhar. Sem o marido em casa, só conseguia dormir ao lado da filha, que ficava deitada em sua cama, entre ela e o bercinho. Patrícia dormia com o braço por cima de Clarinha, agarrando a grade do berço. O sono não vinha e começavam as faltas de ar, quedas de pressão, palpitações, medo de morrer. Corria

[43]

para o banheiro e começava a rezar. Com 25 anos, passou a ter crises da Síndrome do Pânico e se uniu aos 4% da população mundial que sofre com a patologia, segundo dados da Organização Mundial de Saúde.

[44] Lá pelas 17 horas, vi Patrícia olhando para o relógio discretamente. Um pequeno gesto para bom entendedor é o suficiente. Era hora de partir. Fechei o meu bloco de anotações e fiz uma última pergunta: “*Que imagem definiria seu estado quando está passando por uma crise de Pânico?*”. “*Eu estou andando e uma sombra gigantesca está atrás de mim, tentando me pegar*”, definiu. Ainda bati um papo descompromissado com ela e me despedi. Na saída, fiquei feliz. Patrícia disse que o meu trabalho a estava ajudando imensamente. Conversar sobre a doença estava sendo uma vitória para ela. Nas palavras de Patrícia, não era ela quem estava me ajudando, mas justamente o inverso. Saí com uma imensa satisfação e com uma sensação de missão cumprida. Se meu livro não saísse tão bom quanto eu esperava, já conseguiria tirar algum proveito de toda essa jornada!

\*\*\*

Novo encontro com Laura. O feriado de sete de setembro cairia em uma sexta-feira e eu precisava saber se ela iria viajar. Nenhum problema. Ela ficaria mesmo em Salvador com a mãe. Combinamos, então, de nos reencontrar no *shopping*

Barra, lá pelas 7 da noite, no sábado. Desta vez, ela chegou primeiro na praça de alimentação, local onde havíamos marcado. Enquanto estacionava o carro, meu celular tocava. Era Laura perguntando se eu me atrasaria. Informei que já estava no *shopping* e iria vê-la em alguns minutos. Desci correndo as escadas rolantes, apressei o passo o máximo que pude. Odeio chegar atrasada em meus compromissos, mas não temos como prever um engarrafamento! Dei uma olhada rápida pelas mesas e não a avistei. Laura deu aquele velho “*psiu, aqui*”. Olhei para canto direito. Não tinha notado sua presença bem ao meu lado.

Laura estava bem diferente da primeira vez que a encontrara. Estava mais vaidosa. Para falar a verdade, era o ponto rosa dentro do *shopping*! A cor era predominante no batom, no brinco de florzinha, na pulseira, na camiseta e no cinto. Radiante, seus lábios não tremiam mais e estava até risonha. Só ficou um pouco chateada porque um casal de amigos tinha ido visitá-la, de forma inesperada, algumas horas antes e ela não teve como lhes dar mais atenção, afinal, tinha marcado entrevista comigo. Afora isso, estava uma outra pessoa! Falamos novamente sobre filmes, inclusive dos que abordavam transtornos psicológicos como os maravilhosos *As Horas* e *Melhor é Impossível* e o fraco *Aviador*. Falamos também sobre os jornalistas que admirávamos e

[45]

ela até confessou que jornalismo talvez fosse uma boa carreira para seguir. Certa vez, durante o curso de Pedagogia, alguns anos atrás, ela escreveu um conto tão bom sobre sua infância que foi eleito pelos professores para ser lido durante a inauguração do centro Zélia Gattai, na Universidade Jorge Amado, onde estudava. A habilidade para escrever era um dom, mas ela não sabia. E, para finalizar o papo empolgado, me relatou que, na semana seguinte, entraria em uma academia de ginástica por indicação de sua psiquiatra. Ela queria tentar novas atividades que lhe proporcionassem prazer e tranquilidade.

[46]

A conversa informal estava rendendo tanto que lhe abriu o apetite. Laura me convidou para dividir uma pizza com ela, porém, eu já tinha feito uma bela refeição em casa. Como a gula não é um dos meus pecados, recusei e lhe fiz apenas companhia. Foi até melhor. A pizzaria era mais reservada, estava vazia e poderíamos conversar sem muitos ruídos por perto. Escolhemos uma mesa no cantinho. Laura pediu uma pizza individual e uma Coca-Cola sem gelo. Entre uma garfada e outra, íamos dialogando.

A Depressão também fizera parte de sua vida e surgiu muito antes da Ansiedade. Laura, desde sempre, foi uma menina tímida e introspectiva. Com oito anos de idade, sofreu um choque emocional. O pai traía a mãe e as

abandonara. Saiu de casa sem dar maiores explicações. Laura e suas irmãs, Laurene, a mais velha, e Edlaura, a caçula, não tinham mais nenhum contato e nenhum apoio afetivo do pai, muito menos recebiam ajuda financeira. Elas foram obrigadas a morar com a avó materna, já que o dinheiro estava curto. A mãe, amiga e companheira, teve de assumir também o papel de pai. Laura, perdendo o referencial masculino, sofreu calada e começou a ter um quadro depressivo.

Na adolescência, à exceção da relação ausente com o pai, Laura vivia em harmonia com a família. O único problema era Edlaura, orgulhosa e não ouvia conselhos de ninguém. Aconteciam algumas brigas, principalmente pela maneira como a irmã tratava a mãe, e ficavam sem se falar vez ou outra. Hoje em dia, falam apenas o necessário e nada mais. Já Laurene era motivo de adoração e até mesmo de inveja. A mais velha era seu oposto: comunicativa, extrovertida, tinha muitos amigos e os garotos se apaixonavam por ela com facilidade.



Laura, com auto-estima baixa, não se valorizava nem conseguia enxergar seus talentos e qualidades. Os amigos eram escassos e namoro era uma palavra que não constava em seu dicionário. Quando se apaixonava por alguém, não era correspondida. Quando alguém se apaixonava por ela, Laura não demonstrava o mesmo sentimento. Formava-se

[47]

um ciclo vicioso. Além disso, os pensamentos suicidas eram freqüentes, embora nunca tivesse tentado de fato algo contra a própria vida. Na verdade, os depressivos costumam ter mais desejos de morte do que propriamente pensamentos. Eles têm idéias e elaboram diferentes planos capazes de machucá-los realmente. A vida perde o sentido, o ânimo de viver se esvai e a pessoa não encontra outra solução.

[48] Suas vizinhas eram Testemunhas de Jeová e iam de casa em casa estudar a bíblia e evangelizar os moradores. Laura se interessou e, aos 14 anos, entrou para a religião. “*Minha vida ganhou novo sentido*”, desabafa. Passou a fazer amigos, ainda que fossem todos Testemunhas de Jeová, e finalmente encontrou equilíbrio. Só era um problema quando chegavam as datas festivas, como Páscoa, São João e Natal. Sua religião não comemora tais datas, pois as considera festas pagãs. Ela até preferia quando a família viajava nessas ocasiões. “*Cristo nasceu em uma noite estrelada. Em Jesuralem, no mês de dezembro, o inverno é rigoroso. Portanto, 25 de dezembro não pode ser o aniversário do filho de Deus e não há por que comemorarmos isso*”, explica.

Estava chegando o vestibular. Laura optou por Secretariado Executivo, apesar de não ter grande certeza do que queria fazer na vida. Durante a faculdade, teve diferentes empregos, mas nenhum despertava paixão. Nesse meio





tempo, conheceu Paulinho, um garoto que freqüentava as mesmas reuniões religiosas. O namoro durou apenas três meses. Descobriram que, além de gostarem de Djavan e de serem Testemunhas de Jeová, não tinham muito em comum. Foi apenas uma paixão passageira, uma atração física e nada mais.

Formada em algo de que não gostava, desempregada e com um relacionamento mal sucedido, Laura passou a se sentir acuada, confusa, quase vivendo uma situação de perigo. Em 80% dos estados ansiosos, como aponta a matéria *Limite da Ansiedade* da Revista Istoé, em 19 de julho de 2006, nos sentimos angustiados e tensos diante de alguma situação, mas é passageiro e logo nosso organismo volta ao estado de equilíbrio. Laura, entretanto, abria espaço para a Ansiedade evoluir, deixando de ser um simples mecanismo de defesa do corpo para se tornar uma doença. Aos 23 anos, tinha sua primeira crise ansiosa. Pouco a pouco, ia buscando opções para sair daquele constante estado de dúvida. Decidiu fazer o Magistério e entrar para a área de Educação.

[49]

\*\*\*

Nunca tinha freqüentado tanto *shoppings centers* na minha vida como naqueles últimos meses. Mais uma vez, lá



estava eu no Itaigara à espera de Alef. Marcamos no mesmo horário, sete e meia da noite, pois era o tempo necessário para ele sair do trabalho e me encontrar. Receosa, por ser hora do *rush*, com muitos engarrafamentos por toda a cidade, saí mais cedo de casa para chegar antes do previsto. Depois do atraso com Laura, tentei evitar novos erros.

Assim que cheguei no *shopping*, encontrei Alef caminhando lentamente em minha direção. Eu conversava com um amigo no celular e quase não percebi sua presença. Alef também não me notou. Depois que passei por ele, me deu um súbito pensamento de “*eu conheço aquela pessoa*” e voltei. Puxei-o pelo braço, pedi licença a meu amigo, que estava no telefone, e lhe dei um “oi”. Alef me deu um abraço e me pediu alguns minutinhos, pois iria até o banheiro. Concordei, balançando a cabeça, sentei em um banco em frente à entrada do toailete e continuei a bater papo pelo celular. Instantes depois, finalizei a conversa e fiquei a esperar por Alef. Exatos 15 minutos depois, ele saía do banheiro masculino. Não me incomodei. Ele já havia dito que demorava muito tempo diante do espelho conferindo o *look*. Era uma de suas “manias”.

Só depois que saiu do banheiro, notei que Alef estava usando trajes esportivos: uma camiseta regata preta e uma calça folgada - dessas que os professores de Educação Física

costumam usar - um tênis e uma mochila com uma garrafa de água à mostra. Perguntei se tinha vindo da academia, mas ele me informou que trabalhava como vendedor em uma loja de artigos esportivos. Pedi, então, para que ele me esperasse, pois precisava comprar uma água. A cólica estava incomodando um bocado e eu precisava tomar algo que aliviasse a dor e me deixasse concentrada na entrevista. Subimos as escadas conversando e paramos no segundo andar. Sentamos em um banquinho que, por sorte, não ficava ao lado de nenhuma escada rolante barulhenta.

Alef sempre teve medo de tomar bronca. Para poder criar todos os filhos, nove ao todo, sua mãe seguia a linha dura. Gostava de tudo organizado, tudo limpo e, se encontrasse alguma coisa fora do lugar, era reclamação na certa. Por diversas vezes, Alef foi repreendido por deixar o quarto bagunçado, por deixar a luz acesa, a porta aberta, um objeto fora do lugar de origem. Temendo receber novas queixas da mãe, ele passou a ser organizado. Passou a ser organizado até demais! Fechava a porta, mas voltava duas ou três vezes para conferir; apagava a luz do quarto, mas voltava para constatar o feito; se um objeto estivesse milimetricamente fora da posição, ele sabia que alguém tinha mexido em suas coisas e tudo tinha que estar arrumado à sua maneira. Organização passou a ser o seu nome!

[51]

Por ser criança, não notava que seus atos eram repetitivos e exagerados – apesar de que, de acordo com o artigo *Transtorno Obsessivo-Compulsivo* da Revista Brasileira de Psiquiatria, é na infância que 1/3 dos portadores de Transtorno Obsessivo-Compulsivo dão as primeiras mostras de seus sintomas. Somente aos 12 anos, quando começou a se “*perceber como pessoa*”, como ele mesmo diz, Alef viu que tinha alguma coisa estranha em seus atos. Levava minutos conferindo se todos os livros, cadernos e canetas estavam na mochila, gastava muito tempo no banheiro tomando banho e se arrumando em frente ao espelho. Ele começou a perceber também que seu irmão mais velho tinha as mesmas atitudes.

[52]

Ao chegar na escola, a professora escrevia o assunto do dia no quadro e ele ia copiando ao mesmo tempo. Depois que a professora terminava um apontamento e apagava para começar a escrever novamente, Alef aproveitava para decalcar as letras uma por uma. Decalcava com tanta força que seus dedos doíam e a folha de papel começava a se rasgar. “*Meus colegas zombavam de mim*”, desabafa. Acompanhar a aula era um tormento. Quando voltava a olhar para o quadro, a professora já tinha apagado tudo! Só lhe restava pedir o caderno emprestado a alguém para ter os apontamentos atualizados. Isso era algo que acontecia praticamente todos os dias.

Criado em um ambiente religioso – seus pais são evangélicos e conservadores – participar dos cultos era algo indispensável. Ainda criança, ia acompanhado dos pais e dos irmãos. Hoje, um pouco afastado, mantém a fé rezando três vezes ao dia e levando a Bíblia consigo. Mas é diante das crises que suas orações aumentam! Enquanto o pastor pregava os ensinamentos de Cristo, Alef coçava os olhos com as mãos e depois as cheirava. Não era preciso ver o ritual religioso. Alef já tinha o seu próprio ritual! Sua irmã pegava sua mão, dava um tapinha e pedia para ele parar. Não era assim tão fácil. Ele persistia. Insistiu até o dia em que precisou ser levado às pressas a um oftalmologista com os olhos vermelhos. Alef estava com uma infecção forte e precisava se tratar urgentemente. Quando sentiu que aquela mania de coçar os olhos o estava prejudicando, Alef parou. Na verdade, ele deu fim naquele ato. Logo estaria fazendo outro ritual.

Aos 14 anos, começou a trabalhar em uma empresa de eletrônicos. Cuidava do almoxarifado. Tudo tinha que passar pela sua organização. Se por acaso ele esquecesse de conferir algum produto ou errava alguma coisa, já que não podia voltar ao trabalho, passava o dia se remoendo com perguntas como “*será que eu cataloguei?*” “*será que eu conferi?*”. Com vinte anos, passou a fazer teatro. Trocar de roupa para

entrar no palco era algo interminável. Durante as apresentações, por muitas vezes, o espetáculo era prejudicado porque Alef demorava conferindo a maquiagem e o figurino. O professor e diretor de teatro, durante e depois da peça, passava-lhe a maior bronca.

[54] Aliás, reclamações não faltaram. Quando começou a trabalhar como vendedor de uma loja de calçados, Alef perdeu vários clientes. Enquanto ele atendia um, seus companheiros de trabalho atendiam três ou mais. Depois de uma compra feita, Alef se dirigia ao caixa e ia prestar contas da venda nos cadernos da loja. Isso levava um tempo absurdo e os outros vendedores eram obrigados a tomar sua vez ou seriam todos prejudicados. O gerente da loja percebia sua demora e chamava a atenção. “*Perdi algumas vendas, mas, ainda bem, não fui demitido por conta disso. Nos outros empregos, meus chefes percebiam e me davam muitos conselhos*”, conta.

“*Eu devo ser maluco*”, era o que pensava Alef. Não só ele, mas toda a família e seus amigos. Até seus relacionamentos amorosos não duravam muito tempo. Ninguém, nem mesmo ele, entendia o que acontecia. Seu pai era o que mais reclamava, especialmente porque Alef dava muito prejuízo em casa. Queimava lâmpadas e eletrodomésticos e chegou a quebrar a mangueira do botijão de gás e a torneira do banheiro. Quando Alef tinha 23 anos, o pai não suportou mais ver

— |  
— |

suas manias e, em algumas ocasiões, partiu para a violência. Entre uma palmada e outra, dava uma bronca aqui, outra ali. “Disse a meu pai que eu preferia que ele batesse calado. Suas palavras doíam mais que as palmadas”, confessa, com um tom de voz triste.

Somente em 2005, com 25 anos, Alef descobriu que não estava só no mundo – o T.O.C atinge cerca de 3% da população mundial segundo pesquisas da Organização Mundial de Saúde. Tinha feito uma viagem a uma cidade do interior da Bahia e, em um dos momentos em que estava de boqueira, assistindo à televisão, viu o programa A Casa É Sua, na RedeTv, comandado por Clodovil na época. Lá estava a atriz Luciana Vendramini e mais quatro anônimos falando da doença que tinham – o Transtorno Obsessivo Compulsivo. Na semana seguinte, já em Salvador, assistiu a uma entrevista da cantora Kelly Key no Programa do Jô, na Rede Globo. Kelly também confessava ter a doença e contava algumas de suas manias. Procurando pelo assunto, achou uma reportagem de Roberto Carlos em que ele relatava ter o mesmo problema que as outras artistas. Depois de se identificar com o que os famosos falavam, não lhe restava dúvida. Alef tinha a certeza de que era portador do Transtorno Obsessivo Compulsivo.

[55]

— |  
— |





## Para entender, tem que contextualizar

Depois de anos em tristeza profunda, sendo consumida por uma dúvida, Vera não resistiu e entrou em Depressão. Ela passou a se consultar com o doutor Caribé, um jovem psiquiatra que se graduou com uma prima de Vera. Começou a tomar antidepressivos e ansiolíticos – medicamentos que atuam na ansiedade, minimizando seus efeitos estressantes. Ao longo dos anos foi mudando de remédios e de dosagens, mas nunca deixou de usá-los.

[57]

Mesmo acompanhada por doutor Caribé, Vera tentou outros tipos de tratamento. Iniciou visitas à clínica Mensana, do frei Albino Aresi, que ficava situada no bairro de Nazaré. Os profissionais da clínica promoviam sessões de regressão e de relaxamento. Chegou a frequentá-la



durante muitos meses, contudo, parou com o tempo. Sob a indicação de Tânia, uma nutricionista, procurou o médico francês doutor Jean Claude. Ele tinha um novo tratamento, a utilização de pedras sobre pontos específicos do corpo proporcionando, assim, alívio para dores e tensões. Hoje, a terapia das pedras, que podem ser quentes ou frias, já é conhecida. As pedras massageiam o corpo e sua troca de calor ajuda a combater o estresse e auxilia a restauração do equilíbrio. Na época, porém, era uma técnica nova. “*Não custa arriscar*”, pensou Vera. Depois de algumas visitas, descobriu que Jean Claude era um charlatão e não tinha licença para atuar.

[58]

Em um dos congressos internacionais, o doutor Caribé conheceu os florais e resolveu trazê-los para apresentar a seus pacientes. Fora do Brasil, os medicamentos homeopáticos eram febre. Ele prescreveu uns florais para Vera, mas os frascos permaneceram quase intactos. Como ela não bebe, o álcool presente na formulação do medicamento a fez desistir do novo tratamento. Continuou usando os remédios alopatas ou, no popular, tradicionais e de farmácia. O problema é que essas drogas causam diferentes efeitos colaterais, como, por exemplo, o ganho de peso e sonolência. O mais chato dentre eles, especialmente para quem tem uma vida sexual ativa, como me confirmou

a psicóloga Luana da Silveira, é a perda da libido sexual. Para Vera, isso não foi um incômodo. Depois de Firmino, nunca mais se interessou por ninguém. Até porque, para ela, pensar em outro homem era a mesma coisa que trair aquele sentimento do passado. Manteve-se casta por toda a vida.

Perguntei se ela não sentia falta de uma família. “*Não propriamente*”, respondeu Vera. Na verdade, família é algo que nos é dado antes mesmo de nascermos e não temos muita opção. Vera, entretanto, fez diferente e escolheu a garota que ela queria como filha. Desde os 19 anos de idade, Vera Lúcia ensinava no colégio público São José, localizado no bairro Rio Vermelho, mas isso eu já escrevi antes... Com o passar dos anos, conseguiu conquistar o cargo de coordenadora do ensino fundamental. Lá conheceu a aluna Josenice, de 11 anos. A princípio, a garota não a tinha conquistado. Ao contrário. Vera achava a menina bem espevitada e dissimulada. Pouco depois, descobriu que a garota vinha de um lar conflituoso e seus pais eram separados.

A garota morava com a mãe, Eunice, e com os irmãos. O pai, um militar que abusava do álcool e da jogatina, se separou da mulher assim que descobriu a traição dela com o dentista da família. Logo depois, ele foi transferido para o Mato Grosso enquanto Eunice e os filhos se mudavam para uma casa no Nordeste de Amaralina.

Essa semelhança, de ter um lar conturbado e os pais separados, aproximou Vera e Josenice e as duas passaram a ter uma relação de mãe e filha. Vera se preocupava com sua alimentação, com seu comportamento, suas amizades e até a levava para passear no extinto clube Português nos fins de semana. Precoce, Josenice começou a namorar cedo e, aos 19 anos, já formada no Magistério, se casou. Vera, toda feliz na pele de “mãe da noiva”, foi responsável por toda a festa de casamento e gastou uma bolada para realizar uma bela cerimônia na Igreja da Vitória. Foi tudo lindo e o casal parecia ter um bom futuro pela frente.

[60]

Cinco anos depois, Josenice repetia a façanha da mãe biológica e começava a trair o marido com o professor de ginástica da academia que freqüentava com a cunhada, Ednália. Certo dia, Vera comprou uma roupa para exercícios e resolveu fazer uma surpresa a *Jô*. Ao chegar na casa dela, somente Ednália estava presente. Ela confessou à Vera que *Jô* saía toda noite de carro com o instrutor e nunca lhe oferecia carona. Começava a suspeitar que Josenice estava “*pulando a cerca*”. Vera prontamente ligou para Maria Luísa, uma amiga que trabalhava na mesma academia, perguntou onde o tal instrutor morava e pediu para que ela lhe levasse até o local. Ao chegar na residência do professor, Vera foi logo contando para a esposa do rapaz que ele estava tendo

um caso com sua filha e isso ela não iria permitir. A esposa do instrutor afirmou ter desconfiado. Ele sempre chegava tarde da noite trazendo caldo de cana e uma pizza como “recompensa” por sua demora no “trabalho”. Dito e feito! Às quatro da manhã, chegava o professor com uma pizza na mão. Ao entrar em casa, ele encontrou Vera e a esposa com caras nem um pouco amigáveis. Vera soltou o verbo e ordenou que ele deixasse Jô em paz, afinal, ambos eram casados e isso não poderia continuar. Acuado, o instrutor apenas respondeu que sim. O que aconteceu depois naquela residência, só Deus sabe!

A confusão estava armada. O instrutor ligou para Jô contando tudo o que havia acontecido na noite passada e ela se encarregou de criar alguma história para o marido. A história deve mesmo ter sido muito boa, pois Osmarino ligou para Vera e pediu que ela deixasse Jô em paz e não se metesse mais em sua vida. Assim fez Vera e ainda aproveitou para esfriar as relações com o “genro”. Pouco depois, Josenice estava grávida de Jennifer. Vera tinha certeza de que o bebê era do instrutor. Na hora que a criança nasceu, contudo, não tinha como negar que ela era a cara de Osmarino. A paz voltava a reinar.

Três anos mais tarde, Jô se envolveu com Idelano, Dêca para os íntimos, morador do mesmo condomínio. O

[61]

relacionamento começou a ficar sério e Jô partiu com ele para Pernambuco, deixando para trás Osmarino, agora ex-marido, e a filha. Vera, quando soube, cortou relações com a filha postiça. Ela não conseguia aceitar o caminho que a Jô escolhera para si. Sem saber lidar com o que acontecia, Vera tinha uma recaída e uma nova crise de Depressão estava por vir.

[62]

A escola tornou-se insuportável e Vera decidiu sair do emprego. Nem mesmo o dinheiro do FGTS, ao qual tinha direito, ela quis aceitar. Isso foi motivo de discórdia em casa. Nenhum membro de sua família concordava com tal atitude. Oito meses depois, se afastou pelo INSS e recebia 70% de seu salário. Vera, que ganhava até bem, passou a viver do que tinha na poupança e dependia de alguns amigos. Não sentia mais apetite, só desejava tomar suco de limão e chegou a pesar 30 quilos. Ia forçada para a Igreja, pois havia perdido a fé. Não dormia bem e, quando dormia, fazia isso o dia inteiro. Ficava trancada no quarto, sozinha, chorando muito. Quando saía de casa, ficava zanzando sem rumo pelo bairro. Foram dois anos vivendo em crise. A melhora só começou a aparecer depois que uma amiga, também professora, pediu para Vera desenhar uma casinha de boneca. Provavelmente para usar em alguma atividade com as crianças. *“O desenho me animou e até abriu o meu apetite. Pedi*

*para me comprarem um abará e o cortei pela metade. Voltei assim a me alimentar*”, relata. Vera retornou ao psiquiatra e trocou os remédios. Sua vida entrava novamente nos eixos. Até recebeu um convite para coordenar a escolinha Bidú, localizada no Vale das Pedrinhas, onde trabalha desde 1991.

Algo aguçou minha curiosidade: “*E Firmino? Voltou a vê-lo?*”. Sim... O amor do passado, curiosamente, a encontrou, anos mais tarde. Em um dia, no ano de 1996, Vera saiu para comprar cola na Baixa dos Sapateiros e avistou um homem bem envelhecido e com os cabelos grisalhos vindo em sua direção. “*Você é Vera, filha de seu Caetano?*”, indagou. Os dois começaram a conversar ali mesmo na rua. Firmino contou que era casado e estava, no momento, desempregado. Na hora de se despedirem, Firmino avisou que entraria em contato com Vera para lhe entregar um currículo, caso ela soubesse de alguma oportunidade de emprego. Dois dias depois, ele conseguiu o telefone da residência de Vera e foi até sua casa. Cumprimentou dona Eunívea, Elisa, irmã de Vera, entregou o envelope com suas referências e a convidou para comer um acarajé. Durante a degustação do famoso bolinho baiano, Firmino questionou o fato de Vera nunca ter se casado. “*Eu não me casei por sua causa?*”, retrucou ela. Firmino contou aquela velha conversa de que não ia bem no casamento e iniciou uma mal sucedida

[63]

tentativa de envolvimento com Vera. Era tarde demais e ele agora era um homem casado. Depois disso, eles ainda mantiveram contato, mas Firmino se mostrou uma pessoa diferente do que ela esperava, decepcionando-a. Não entrarei na história, afinal, o livro trata de transtorno psicológico e não é uma biografia. Lamento pelos fofos de plantão, mas esse “causo” fica para um outro livro...

[64]

Já que o “Caso Firmino” estava encerrado, minha curiosidade novamente entrou em ação sobre outro ponto da vida de Vera Lúcia. “*E Jô? Voltou a falar com ela?*”, questionei. A resposta foi positiva. Quinze anos após a separação, Jô voltou a morar em Salvador, sem Dêca. Eles tiveram alguns problemas em Pernambuco e Idelano até “sujou” o nome dela em umas transações. Josenice, porém, não voltava sozinha. Tinha adotado a menina Daniela em uma passagem por Natal. Em uma visita a sua neta, Jennifer, Vera descobriu que Josenice estava na cidade. Por intermédio da garota, as duas voltaram a se falar e mantêm contato até hoje.

Depois de passar uma borracha em sua história com Josenice e após a morte do pai e o reencontro com Firmino, Vera chegou à conclusão de que precisava mudar seu estilo de vida. Em 2001, outorgou-se na Igreja Messiânica, fundada no Japão em 1935, pelo religioso Motiki Okada e

que só foi trazida ao Brasil em 1955. O espiritualismo e o altruísmo são as bases de sua filosofia. “*Minha religião mudou minha conduta e minha forma de pensar. Foi ela que me ajudou a enfrentar o que aconteceu com Jennifer sem desabar na Depressão*”, confessa. O fato ao qual Vera faz referência é a morte da menina, em 2005, aos 19 anos de idade. Jennifer tinha um linfoma – câncer nos vasos linfáticos – e não resistiu.

*“Hoje eu ainda me abato com algumas situações, fico triste com alguns fatos, mas ajo de forma diferente. Depois que me tornei messiânica, mudei minha vida. Continuo tomando meus remédios e sei que nunca vou parar de tomá-los. Não me incomodo. É possível viver. Quer um conselho? Ouça músicas alegres. Eu sempre ponho em meu radinho músicas alto astral como Harmonia do Samba e Ivete Sangalo. Ótimo remédio!”*, finaliza Vera.

[65]

\*\*\*

Um ano após sua primeira crise, mais precisamente em 2001, Patrícia montou uma lanchonete no Canela, ao lado do colégio Marista, que se chamava Algodão Doce. Em um dia de trabalho, recebeu a ligação de um amigo que lhe ofereceu um emprego na escola pública Rui Bacelar, na cidade de Camaçari. O convite foi aceito. Todas as manhãs, às 6 horas, Patrícia ia pegar o ônibus da empresa Regional em um ponto na frente do *shopping* Iguatemi para chegar ao

destino. Durante o caminho, sua cabeça maquinava pensamentos negativos e o medo de acontecer um acidente na viagem era constante. Na hora de voltar, era muito pior. Retornava sempre sozinha. Sabe como é... quando estamos sós, a cabeça produz mais besteiras do que de costume! “Dá espaço para o diabo trabalhar”, como já dizia minha avó! Se a manhã estivesse chuvosa, então, ela nem cogitava a possibilidade de ir trabalhar. Os empecilhos se tornaram maiores do que imaginava e não durou muito tempo no emprego.

[66]

O medo de morrer, as intensas palpitações e os calafrios tornaram-se características marcantes em sua rotina e elas não eram normais. Nunca tinha se sentido assim. A situação com Alberto estava insuportável e, por dois meses, se separaram, a pedido dela. Reconciliaram-se logo depois, também por iniciativa de Patrícia. Ela começou a desconfiar que tinha um belo de um encosto perseguindo-a e atazanando sua vida. Procurou o centro espírita Bezerra de Menezes, localizado no bairro de Brotas. Alberto, por sua vez, discordava. Ele acreditava mesmo que Patrícia tinha enlouquecido e se dispôs a pagar uma psicóloga para a esposa, que ficou alternando as visitas entre o consultório e o centro. Muito francos, os médiuns do Bezerra de Menezes falaram a Patrícia que seu problema não era espiritual, mas sim psicológico e

aconselharam-na a se tratar. As sessões com a psicóloga, porém, não pareciam surtir muito efeito. Na verdade, ela não se sentia à vontade. Quando a profissional entrou em licença maternidade, ficou aliviada e parou de visitá-la.

Ainda em 2001, conseguiu um emprego como recepcionista no Hotel Fiesta. Chegou a ter crises leves de pânico, mas nada tão sofrido como nas últimas vezes. Imaginou até que estivesse melhorando. O emprego ia bem, recebeu uma promoção, passando a ser coordenadora dos recepcionistas. As crises... estas não tardaram a aparecer. Ao buscar Clarinha na escola, certo dia, Patrícia teve uma crise de Pânico ao lado da coordenadora da filha. Chorava sem parar e não conseguia sair do lugar. A coordenadora ficou ao seu lado até a situação voltar ao controle. Um outro dia, levou Maria Clara para passear no Aeroclube, praticamente abandonado. Aquele vazio lhe despertou uma angústia, um medo de que algo acontecesse naquele momento e ela não tivesse a quem pedir socorro. Suando frio e com muitas palpitações, Patrícia deixou a filha sob os cuidados de uma moça que coordenava um brinquedo privado e lhe entregou todos os números de contato da família. Afastou-se do local para caminhar e respirar. Minutos depois, o ataque de Pânico cessara e ela foi ao encontro de Clara. Para seu alívio, Alberto acabava de chegar.

[67]

[68]



Com tantas palpitações e com os batimentos cardíacos acelerados, Patrícia suspeitou que estivesse com algum problema no coração. Procurou uns dois ou três cardiologistas e todos a mandavam cuidar da mente, pois o coração ia muito bem. Dois anos mais tarde, Patrícia contraiu meningite e foi se consultar com um neurologista. Por acaso, em uma tomografia, descobriu que tinha um cisto entre a membrana do cérebro e o crânio. O cisto era de nascença e em nada afetaria sua vida. “*Seria essa a causa dos meus problemas?*”, imaginou. O neurologista, no entanto, a alertou sobre a Síndrome do Pânico, mas, como ela não tinha conhecimento sobre aquela tal síndrome, deixou de lado e continuou tocando a vida. As crises, por sua vez, iam ficando piores. Chegou até a quebrar a imagem de Nossa Senhora de Nazaré em um ato descontrolado, mas logo se arrependeu e comprou uma novinha em folha.

2004. Nova gravidez. Ana Luiza estava a caminho em um período em que Patrícia se sentia muito sozinha. Os turnos no hotel eram variados. Quando chegava em casa, a encontrava sempre vazia. Alberto passou a trabalhar em uma construtora que precisava dele em Canavieiras de duas em duas semanas. A gravidez só se tornou mais agradável pela presença do pai, que a apoiava e lhe dava conforto com sua amizade.

04 de outubro de 2004. Lulu nascia, mas, para a tristeza de todos, foi logo levada para a UTI. A pequena apresentava Patente Forame Oval. Forame Oval é uma abertura existente entre as câmaras superiores de nossos corações. Durante a gestação, é essa abertura que permite a passagem de sangue para os pulmões, realizando, assim, a respiração fetal. Nos primeiros dias de vida, essa abertura se fecha. No caso de Lulu, a cavidade permanecia aberta e ela continuava a respirar como se ainda estivesse no útero de Patrícia. Durante 12 dias, Ana Luísa ficou em uma incubadora. Primeiro ficou na unidade A, recebendo iluminação artificial, sem ter contato com nenhum membro da família. Somente quando passou para a unidade C, a pequena tinha a visita da mãe, que só saía da UTI para ir ao banheiro ou para comer. Quem estava sempre ao seu lado era o pai. *“Minha mãe nem aparecia. Alegava não ter coragem de ver a neném assim”*, desabafa. Seu tempo era todo voltado para Lulu e as crises nem conseguiam um espaço para aparecer.

Um mês depois, com a filha recém-nascida em casa, Clara, a mais velha, começava a se queixar de dores e um lado de seu corpo estava maior que o outro. Patrícia a levou até a emergência do Hospital Aliança e os médicos suspeitaram de um desvio na coluna e indicaram um ortopedista. As dores persistiram. Nova ida ao hospital. Um outro médico a atendeu, desconfiou de um cisto no rim e



[69]



internou a menina por alguns dias. Vieram as festas de fim de ano e a família foi passar o ano novo em Brasília. No fim de janeiro de 2005, Clara voltou a sentir dores ainda mais intensas. Mais uma visita ao hospital. Foi feita uma ressonância magnética e, finalmente, descobriam a origem do sofrimento: Maria Clara tinha um tumor maligno no rim! Foi preciso iniciar a quimioterapia, um tratamento muito delicado e sofrido. Patrícia saiu do trabalho e dedicou sua vida à Clara.

[70] No primeiro dia de dezembro, Clarinha realizava sua última sessão de quimioterapia. Cinco dias depois, Patrícia sentiu fortes dores de cabeça e marcou uma consulta com um novo neurologista, apreensiva que o cisto a estivesse prejudicando. Antes de sair de casa, recebeu uma ligação do irmão, que informava a morte de Pedro, seu primeiro namorado. Ele tinha caído do quarto andar do prédio onde morava e o enterro seria pela tarde. Ao chegar no consultório, o neurologista afirmou que o cisto não estava atrapalhando o funcionamento do corpo e reforçou no diagnóstico da Síndrome do Pânico. Ele lhe prescreveu uns antidepressivos e valeriana, para ela relaxar, e lhe sugeriu procurar um psiquiatra, afinal, o caso não poderia mais ser tratado por ele. Naquele momento, ela não deu muita atenção. A morte de Pedro não lhe saía do pensamento.

Depois do enterro, suas crises de Pânico voltaram com tudo, cada vez piores. Passou a viver em um outro mundo,



completamente abalada e com choros constantes. Suas filhas viviam sob os cuidados da sogra, que, pacientemente, suportava o estado depressivo da nora. Patrícia ia até a casa da irmã de Pedro e pegava alguns objetos pessoais do rapaz. Freqüentava seu túmulo quase que diariamente e, se tinha algum compromisso, acabava esquecendo e se desviando em direção ao cemitério. Deixou de comer e se entregou a uma tristeza profunda por mais de duas semanas. *“Ele foi muito importante para mim. Estava até parecendo que eu era a viúva”*, relatou.

Vendo seu estado depressivo somado às crises de pânico, Alberto novamente insistiu para que Patrícia buscasse um tratamento psicológico e que realmente o levasse a sério. Patrícia começou a se tratar com uma psicóloga e com um psiquiatra e passou a tomar ansiolíticos e antidepressivos. Confessa que hoje se sente melhor e mais equilibrada. Seu comportamento dentro de casa com o marido e com as filhas é outro. Está mais calma e nem consegue pensar na pessoa nervosa e até violenta que fora um dia. O Pânico ainda aparece vez ou outra, mas ela está começando a entender melhor seus problemas e a lidar com as situações. Atualmente, ensina inglês para crianças na escola particular Miró.

Conviver com o Pânico não é uma tarefa fácil nem para o portador, nem para quem está ao redor. Fiquei pensando nas meninas. Tão pequenas ainda... será que

[71]

entendem o que se passa com a mãe? Perguntei a Patrícia se Clara, já que é a mais velha, tinha consciência de sua doença. “Clara é um espírito de luz”, respondeu. “Quando ela tinha cinco anos, me viu caída no chão em pleno desespero. Ela estendeu sua mãozinha e me disse ‘vem, mamãe que eu te ajudo’”. Clarinha sabe o que se passa com Patrícia, tem conhecimento das medicações e até já sabe lidar com as crises. Hoje, seu tratamento é levado a sério porque ela quer viver em equilíbrio para poder cuidar e educar as filhas, seu “porto seguro”.

\*\*\*

[72] Em 1996, depois de concluir o Magistério, Laura prestou concurso para a Prefeitura Municipal. Eram 134 vagas para o posto de professor. Laura passou no 144º lugar, mas seu nome só viria a aparecer mais tarde, no segundo edital. Quando ela olhou a primeira lista e não se viu naquela leva de aprovados, achou que tinha sido reprovada e desanimou. Por pura precipitação perdeu a vaga, que só seria conquistada em um novo concurso, em 1999, na gestão do prefeito Imbassahy. Pelo menos, desta vez, não foi preciso checar nenhuma lista. Chegou em casa uma carta comunicando sua aprovação.

Começou a ensinar em 2000 para alunos de primeira à quarta série do ensino fundamental no colégio Dom Avelar.

Em 2002, o prefeito de Salvador ofereceu um curso superior aos professores da rede pública que só tinham o Magistério. Seria feita uma seleção e os cem primeiros colocados ganhariam uma bolsa de estudos para o curso de Pedagogia. Assim, os aprovados trabalhariam 20 horas semanais e estudariam as outras 20 horas, completando as 40 de seu contrato de trabalho. Aprovada, Laura tornava-se aluna de Pedagogia na faculdade Jorge Amado e resolvia o “*ser ou não ser*” profissional.

Seu primeiro tratamento psicológico aconteceu ainda na adolescência. Se bem que não pode ser considerado como tal, já que Laura visitou a psicóloga uma única vez. Foi a pedido de sua mãe, que a considerava muito triste, mas não gostou da terapia e resolveu não continuar. Sua segunda tentativa foi aos 28 anos, com outra psicóloga. Até sentiu uma certa sintonia com ela, mas chegou um momento em que estava sufocada de tanto falar sobre si mesma e, meses depois, desistiu novamente. Só depois que entrou para a prefeitura, quando viu que estava insuportável dar aulas com crises de ansiedade, resolveu, por conta própria, se consultar com um psiquiatra.

O psiquiatra lhe passou uns antidepressivos, mas ela não conseguia notar nenhuma melhora. Mudou de médico diversas vezes até encontrar uma neuropsiquiatra

[73]

[74]

que lhe passou novas drogas e a aconselhou a buscar auxílio psicológico para descobrir e entender as causas de seus sintomas. Depois de algumas sessões, a nova psicóloga pediu para Laura levar o pai em um novo encontro. Laura descobriu que ele morava na mesma rua de Laurene, conseguiu seu telefone e agendou o encontro com a psicóloga. Vinte e cinco anos depois, ela revia o pai, que tentou explicar a causa do abandono da família, mas seus argumentos não foram suficientes para Laura. Até tentaram se reaproximar após a consulta, porém Laura não percebia melhoras na conduta do pai e decidiu se afastar. Estão há sete anos sem nenhum contato. Apesar disso, tudo ia bem. Os remédios faziam efeito e a terapia trazia bons resultados. Pouco tempo depois, a psicóloga mudou de consultório e Laura perdeu o contato. Como se sentia bem, parou os medicamentos e acreditou que assim ficaria por muito tempo.

Nesse período, usou apenas remédios homeopáticos, mais precisamente Florais de Bach. Sentia uma melhora pequena e ia tocando a vida entre trancos e barrancos. A ansiedade, entretanto, não desaparecia e a castigava perversamente. O que mais a incomodava durante as crises eram as dores musculares. Seu corpo ficava dormente e os músculos permaneciam rígidos.

Em 2004, durante o segundo semestre da faculdade, surgia a pior das crises. A matéria Didática da Língua

Portuguesa era ministrada às duas turmas de Pedagogia da prefeitura existentes na faculdade. Uma aula acontecia na quinta-feira e a outra, na sexta. Os alunos da quinta começaram a espalhar um boato de que a professora da tal matéria estava com o pé quebrado e não iria dar aula na sexta-feira. Laura foi conferir a suspeita com a coordenação, que afirmou não estar sabendo de nada. Ela, então, comunicou Silvana, líder da sala, e pediu para que procurasse informações a respeito. De qualquer maneira, Laura estaria para a aula de sexta. No dia seguinte, Laura apareceu na sala junto com mais quatro ou cinco colegas. Um professor veio substituir a aula a pedido da coordenação e a atividade seria debater o filme que ele passaria em classe. Os que estavam presentes perguntaram se aquela substituição prejudicaria de alguma forma os demais colegas. O professor afirmou que não. O filme começou a ser exibido. Alguns poucos alunos iam chegando e entrando, enquanto outros viam pela janela o grupo assistindo a um filme e davam meia-volta. Quando o debate foi iniciado, Geovana, a coordenadora do curso, entrou na sala e perguntou pelos demais alunos. Laura explicou a situação e a coordenadora ficou possessa com as faltas em massa e pediu para que o professor substituto anotasse o nome dos alunos presentes. Os bolsistas não poderiam ter muitas faltas ou estariam

[75]

sujeitos a perder a vaga. Laura ainda tentou defender os colegas, mas sem sucesso. Ao final da aula, o professor passou uma lista de presença e eles foram embora.

Na segunda-feira, Laura chegou atrasada e perdeu o primeiro horário. Os colegas logo contaram da confusão que tinha acontecido mais cedo por conta da aula de sexta. A briga foi tão pesada que muita gente ficou chorando. A semana passou e chegou a quinta-feira. Silvana interrompeu a aula para avisar a turma que um certo “grupinho” havia prejudicado a sala inteira e que era preciso marcar uma reposição. Laura se exaltou e começou a discutir com a líder da sala, alegando que o tal “grupinho” não teve a intenção de lesar ninguém e que aquilo não passava de um mal-entendido. A discussão durou a aula inteira! Ao chegar em casa, Laura estava revoltada, sentindo-se angustiada e tensa com toda aquela situação. Não conseguiu dormir só pensando na confusão de algumas horas atrás. Em um ato de desespero, tomou todos os remédios que ainda tinha junto com vinho, se arrumou toda e ficou deitada na cama “*esperando a morte*”. Depois que sua mãe foi acordada pelos latidos do cachorro, Laura não resistiu e confessou ter tentado se matar. As duas foram até um hospital público na cidade de Lauro de Freitas, já que é mais perto de sua residência, no bairro de Itapoã. Lá fizeram uma lavagem

[76]

estomacal em Laura, que ficou em observação por alguns dias. *“Mesmo com minha fé, sempre pensei no suicídio”*, desabafa. Laura, por sorte, não se juntou às 850 mil pessoas que cometem suicídio em consequência da Depressão, de acordo com dados da Organização Mundial da Saúde.

Após quinze dias de licença, Laura retornou à faculdade. Os amigos lhe entregaram um caderninho com várias mensagens de boas-vindas. Aquele era o período das apresentações de um seminário. Seu grupo seria responsável pela abertura e pelo encerramento do evento. Quando Laura voltou, era hora de finalizar o seminário. Antes da apresentação, ela estava tensa, estressada, tremendo e suando frio. Depois que concluiu sua exposição, sentou em uma cadeira e começou a chorar compulsivamente. Todos que estavam na sala olharam para ela. Laura se contorcia, sentia dores musculares e gritava sem parar. A aula não podia continuar. Os colegas a levaram até o ambulatório da faculdade, onde ela ficou deitada em uma maca até a ambulância chegar. Seu celular era novo e não tinha muitos números registrados. Os amigos só conseguiram contactar Edlaura, que foi seguindo a ambulância até a clínica psiquiátrica Anupsi, situada em Piatã. Voltou no mesmo dia para casa. Dias depois, retornou ao psiquiatra, que lhe deu uma bronca enorme enquanto receitava novos remédios.

[77]

“O que me ajudou a melhorar foi a leitura do livro *Transforme seu Cérebro, Transforme sua vida*, de Daniel G. Amen. Ele explica as doenças, dá dicas de remédios e de exercícios para manter o cérebro são”, indica.

A última crise tinha lhe proporcionado sessenta dias de licença. Sua preocupação agora era a quantidade de faltas que iria receber. Assim, não seria possível se formar. Ela entrou em contato com a coordenadora especial da prefeitura que, após constatar seu bom histórico estudantil, lhe ofereceu opções, como realizar provas em casa, para que ela pudesse terminar o curso.

[78]

Após a crise, Laura realizou perícias médicas a pedido da prefeitura para acompanhar seu caso. Uma períta a aconselhou a deixar de dar aulas para trabalhar em outra área da educação. Laura se dedicou a trabalhar na diretoria da escola Madre Judith, onde está até hoje. Depois de sua formatura, a perícia lhe liberou para cumprir as 40 horas necessárias neste cargo, sem precisar voltar às salas de aula. Para quem realmente ama a arte de lecionar, deve ter sido um choque deixar o trabalho de professora de lado... Perguntei se Laura estava chateada. “*Nem sinto falta, na verdade. É muito difícil dar aulas para comunidades pobres com problemas de disciplina*”, respondeu.

Em setembro de 2006, nova crise. As escolas públicas passam por uma avaliação de uma coordenadora

regional, que fica encarregada de observar as melhorias físicas e o trabalho da diretoria. A avaliação da diretora foi péssima. A coordenadora tinha alguns problemas pessoais com ela e isso acabou interferindo em sua apuração. Laura se incomodou com aquilo. Não estava correto! Ficou paralisada, chorando em demasia e estressada com toda aquela situação. *“Solidariedade tem limites, não é mesmo?”*, questionou. No fim do ano, se afastou por um mês para retirar o útero. Laura tinha um mioma muito grande. Ela até poderia ter tentado se tratar, mas os medicamentos eram muito caros e poderiam gerar Depressão como efeito colateral. Sabendo disso, Laura optou pela remoção do órgão. Em geral, as mulheres têm vontade de ter filhos e de formar uma família. Perguntei a Laura se ela ficou infeliz por conta da cirurgia. *“Não. Eu não queria mesmo ter filhos...”*, retrucou.

[79]

No início de 2007, Laura se inscreveu em um curso de maquiagem cedido por uma famosa loja de perfumes e cosméticos. Ao chegar na aula, em um sábado chuvoso, constatou que tinha sido a primeira aluna a comparecer. A professora de maquiagem iniciou uma conversa e elogiou sua pele. Laura rebateu, dizendo que ela estaria melhor se não fossem as torturantes crises de Ansiedade. Coincidência ou não, a maquiadora era portadora da Síndrome do Pânico. As duas começaram a “trocar figurinhas” e a professora



indicou a Laura sua psiquiatra e sua psicóloga. Ambas passaram a cuidar de Laura. Um novo tratamento se inicia e tudo caminha bem. Apesar do troca-troca constante de médicos, Laura está em busca de uma melhora. *“Eu só quero que esse sofrimento acabe. É doloroso demais viver assim”*.

\*\*\*

[80]

Alef caminhava com um amigo quando este começou a lhe contar uma história sobre o filho do patrão. O garoto tinha muitas manias e sofria de uma tal doença chamada Transtorno Obsessivo-Compulsivo. Lembrando das entrevistas que assistira e lera, Alef confessou ao amigo que acreditava sofrer do mesmo problema, mas não sabia o que fazer. O rapaz o aconselhou a procurar o Hospital das Clínicas, pois lá existe um ambulatório específico para isso. A doutora Amanda o atendeu e diagnosticou o problema. Aproveitou a oportunidade e o encaminhou até a *Abastoc*, onde Alef participa de reuniões trimestrais até os dias atuais. Durante os encontros, os portadores do T.O.C. conversam, contam suas histórias e fazem perguntas aos psiquiatras e psicólogos que participam.

A partir das reuniões, Alef se sentiu motivado a tratar da doença. Procurou auxílio médico no ambulatório do hospital e o psiquiatra lhe receitou alguns ansiolíticos e



antidepressivos. O tratamento estava dando certo e Alef, comprometido. Meses depois, ele percebeu que o medicamento o fazia engordar. Isso não seria um grande problema, mas ele teve que interromper a medicação mesmo assim. Sempre que saía, bebia com os colegas. Em uma dessas saídas, esqueceu que tinha tomado o remédio e quase teve uma convulsão.

Apesar da descoberta da doença, Alef se sentia bem. Estava em sua melhor forma física, tinha um emprego e estava fazendo um curso. Sua auto-estima era a mais alta possível e melhor não poderia ficar! Saía praticamente todas as noites com os amigos para dançar e beber. A bebedeira começa assim. Um gole aqui, outro amanhã, um novo copo depois de amanhã e por aí continua. Quando você se dá conta, já está dependente e viciado no álcool. Foi o que aconteceu com Alef. Curtia as festas noite adentro e só voltava para casa muito tarde e, às vezes, retornava já perto do horário de ir trabalhar. Chegava no batente acabado, com olheiras enormes e sem nenhuma disposição. Isso quando regressava! Perdeu as contas dos pernoites fora de sua residência e sem ao menos ligar para avisar a família. Sua mãe ficava possessa e lhe implorava para parar com aquele vício. Ele iria se deteriorar aos poucos. O álcool, porém, lhe dava a falsa impressão de independência.

A bebida começou a afastá-lo da família e dos amigos. Os sintomas depressivos apareciam e ele se entregava

[82]

à auto-estima baixa. E só nos damos conta do prejuízo quando começamos a perder o que a gente dá mais valor. Alef criou a consciência de que precisava parar e buscou auxílio no CETAD – Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas – no Hospital das Clínicas. O médico, ao também diagnosticar o T.O.C em Alef, lhe informou que a dependência do álcool vinha como uma comorbidade. Para entender melhor, comorbidade é quando um quadro patológico se associa a outra doença em questão. Frequentemente, esse outro quadro patológico é um novo transtorno psicológico, como a Depressão e a Ansiedade, por exemplo, ou a dependência de álcool e drogas. De 25 a 65% dos casos de transtornos psicológicos no sexo masculino, há a presença de comorbidade com dependência de substâncias químicas.

O médico do CETAD o encaminhou para o grupo do AA – Alcoólicos Anônimos – presente no hospital. “O AA é um programa de vida que deve ser seguido sempre. Eles nos mostram que o equilíbrio é alcançado dia após dia. O importante é evitar o primeiro gole”, relata. Mais um tratamento seria interrompido. Seis meses depois, sem ter tomado nenhum gole, Alef abandonou as reuniões.

Atualmente, voltou a “beber socialmente”, como ele mesmo diz. Fazia muito tempo que ele não saía. Há alguns

meses, tinha começado um namoro e a pessoa com quem estava saindo gostava muito de festas. Para acompanhá-lo, Alef se juntava às farras e tomava um copinho ou outro de cerveja, mas confessa não ter passado dos limites. Sim... não foi erro de digitação. Acima tem escrito “acompanhá-LO”. Esse é um outro detalhe da vida de Alef. Ele é gay.

Desde pequeno, Alef sente atração por homens. Apesar disso, talvez para enganar a si mesmo e à família, aos 13 anos, trouxe a primeira namorada para apresentar aos pais. No ano seguinte, levou uma nova garota. O feito se repetia praticamente todos os anos. Dos 17 anos em diante, ele nunca mais levou ninguém em casa. Reconhecia que gostava de homens e estava disposto a começar um relacionamento verdadeiro. Apaixonou-se pelo seu melhor amigo de classe, mas o rapaz deixou claro que era heterossexual. Um outro colega de sala, por sua vez, demonstrou interesse e os dois começaram a “ficar”. Aos 21, saiu de casa para morar com o professor de teatro do curso que fazia. Os pais achavam que ele estava amadurecendo e queria ter seu próprio espaço. *“Minha mãe pedia para eu voltar. Pra quê gastar dinheiro com aluguel, se ela podia me dar comida e roupa lavada?”*, disse Alef com um sorriso no rosto por conta da ingenuidade materna.

Na verdade, Alef acredita que a família sempre soube de sua orientação sexual, mas nunca quiseram

[84]

questionar. Até por conta do conservadorismo presente na conduta da família. Ninguém falou nada e ele também nunca se interessou em contar. *“Durante o casamento de meu irmão, minha tia olhou pra mim e disse que também queria estar presente em meu casamento. Tadinha, não sabe ela que isso não vai acontecer”*, debocha. O fato de não ter comentado com ninguém da família o incomoda e a pressão de *“ter que ser uma coisa que não é”* só gera sofrimento. Aproveitei para apimentar o bate-papo e, já me sentindo A psicóloga, perguntei : *“Você não acha que o fato de seu pai reclamar tanto sobre suas manias pode ser consequência do seu modo de ser? Provavelmente seu pai já notou e percebeu sua homossexualidade e essa rispidez pode ser fruto do conservadorismo dele”*... Depois de alguns minutos de hesitação, categoricamente ele me respondeu *“Acredito sinceramente”*.





## Impressões de uma jornalista

O computador está ligado e eu preciso terminar o livro. O chão do quarto está tomado por cadernos abertos que expõem as minhas anotações e meus rabiscos entre uma consulta e outra nos livros e na Internet. Ouço e repito o feito diversas vezes para conferir todos os depoimentos cuidadosamente, a fim de não deixar faltar um dado sequer. A Tv também está ligada. Estou assistindo a todos os programas – *The Oprah Winphrey Show* e Encontro Marcado - e reportagens que abordaram o tema nos últimos meses. A carga de informação é imensa, mas necessária para tentar entender os transtornos psicológicos.

[85]

Compreender tais distúrbios não é uma tarefa simples. Não basta conhecer os sintomas e os remédios mais







indicados. O assunto é muito mais complexo e, por isso, precisei recorrer aos psicólogos e psiquiatras para tentar captar suas causas. Você tem de cavar cada vez mais fundo e fazer um verdadeiro trabalho de garimpeiro para chegar até o veio da questão. Na primeira escavação, conversando com os psiquiatras, eles lhe dirão que uma das causas é a predisposição genética. Há realmente uma influência forte em nosso DNA que pode perpassar gerações. Assim, se alguém na sua família tem ou já teve algum transtorno, as próximas linhagens podem correr o risco de ter. Contudo, isso não é uma verdade absoluta! Não é o DNA que sentenciar o aparecimento do transtorno.

[86]

Depois de conversar com as psicólogas Luana da Silveira e Ana Lúcia, percebi que os transtornos aparecem muito mais por um fator psicossocial do que por um fator biológico. Eles aparecem a partir de um contexto social e familiar no qual o indivíduo está inserido. É a história de vida que sentenciar como seremos e como agiremos diante das situações adversas. Em certos casos, até se tem a predisposição genética, mas o cidadão está preparado para enfrentar bem os problemas sem sofrer nenhum abalo emocional. Ele pára, respira, releva aquilo que o chateia, que o aflige. Já outros apresentam uma reação diferente. Sofrem calados, guardam as mágoas e não sabem lidar com



elas. O corpo não agüenta e se rende. Os sintomas começam a aparecer.

Durante uma conversa com Luana, ela me deu um exemplo comparativo que eu achei excelente. Pensemos que nós somos uma fogueira. Cada uma daquelas toras de madeira são os problemas, os conflitos, as mágoas, as pressões, as tristezas e as complicações que vamos acumulando ao longo da vida. Algumas pessoas, apesar de terem a chance de acender a fogueira, deixam a fagulha se apagar com o vento. As demais ateiaram fogo e queimam todas as toras, que ardem em grandes chamas e ainda sobrevivem como brasas. A metáfora é perfeita! É desta maneira que nossas vidas podem ser devastadas pelo calor dos transtornos. E esse calor é a soma dos fatores biológicos com os fatores externos, que compõem o contexto de vida de cada um.

Quando entrei, mesmo que muito rapidamente, no mundo de cada um dos quatro personagens aqui apresentados, consegui conhecer suas histórias e seus maiores sofrimentos. Além disso, consegui perceber semelhanças muito peculiares, mas que podem aparecer em outros portadores dos distúrbios. A primeira delas foi o fato de que todos começaram a apresentar os sintomas e a terem suas crises quando tinham, em média, 20 anos. Isso não é uma obrigatoriedade. É possível, e não muito raro,

[87]

encontrar crianças com Depressão ou Ansiedade e até mesmo com T.O.C. Pressões na escola, na família, pirraças dos coleguinhas. Tudo isso pode influenciá-las.

Podemos perceber transtornos também na chamada Terceira Idade. A solidão e a aposentadoria, que deixam de lado a grande carga de tarefas e trazem um tempo ocioso novo e desconhecido, são alguns dos motivos. É na fase adulta, entretanto, que os distúrbios psicológicos começam a aparecer. É a fase da vida em que estamos mais expostos aos problemas e às dificuldades, sejam elas financeiras, amorosas ou sociais. E o mais alarmante é que 35% dos adultos no mundo, como mostra o artigo *Epidemiologia dos transtornos psiquiátricos*, em algum momento, vão apresentar um transtorno da mente.

[88]



Percebi também que Vera, Laura, Patrícia e Alef apresentaram Depressão, em diferentes intensidades, e sintomas depressivos. *Existe diferença?* Esse foi um questionamento que eu fiz aos especialistas e para o qual logo obtive uma resposta positiva. Como a Depressão já se tornou uma velha conhecida das pessoas em geral, sabe-se que a tristeza, a melancolia, o choro fácil, a mudança de humor, perda do sono e do apetite são algumas de suas características. Por isso, são erroneamente confundidas e logo se presume que é Depressão. Se pararmos para pensar,

todo e qualquer ser humano já viveu um momento conturbado na vida e já apresentou, ao menos uma vez, algum desses sintomas. Isso, porém, não nos torna depressivos, isso patologicamente falando. É a intensidade e a duração dos sintomas que vai atestar a presença da doença. A partir de duas semanas, com a apresentação de dois sintomas, a pessoa já pode ser diagnosticada com uma Depressão leve.

Uma outra coisa que me chamou a atenção foi a presença da religião nas vidas dos entrevistados. Uns tornam-se religiosos depois que a doença se instala e outros já a praticavam antes. Independente do período em que surgiu a religiosidade, eles a utilizam como forma de alívio para o problema, mantendo-se sãos e em equilíbrio. Os psicólogos me confirmaram que essa conduta não é tão incomum. A religião acaba se tornando uma nova espécie de “cura”. Quando o tratamento convencional, com remédios e consultas, e o doméstico ou familiar não dão conta do recado, as pessoas buscam o espiritual para dar fim ao sofrimento. Algumas religiões até se propõem e prometem a trazer a tão esperada cura para os males.

Outro ponto congruente entre os personagens é que, mesmo após as primeiras crises, nenhum deles tinha conhecimento da doença até procurarem auxílio médico especializado. O problema é que, em muitos casos, os



[89]





próprios médicos não estão preparados para diagnosticar. Até conseguem perceber que há algo errado com o paciente, mas não sabem precisar o que eles têm. Entre 10 e 25% das pessoas que procuram os hospitais com algum transtorno psicológico, saem com um diagnóstico incorreto. Estes mesmos pacientes, com o diagnóstico errado, têm 25% de chances de tornar crônico o distúrbio. A falta de conhecimento é até compreensível para as pessoas que apresentam os sintomas, afinal, algo novo acontece com seu corpo. O despreparo dos médicos até seria aceitável alguns anos atrás, quando a abordagem sobre os distúrbios da mente não era tão acessível. Hoje, embora ainda não na proporção correta, o assunto é comentado na imprensa e nos diversos congressos afora.

[90]

Talvez a mais desagradável das minhas descobertas tenha sido a constatação da vulnerabilidade feminina na maioria dos transtornos. Somos suscetíveis por duas razões: uma cultural e outra biológica, como me explicaram os profissionais da área. A nossa cultura e a nossa sociedade nos dizem a todo instante que somos o sexo frágil. Somos educadas para sermos choronas, para nos solidarizarmos com a dificuldade do outro. Se ficamos ansiosas com a proximidade de algum acontecimento, por exemplo, isso não é um problema. Somos mulheres e é assim que agimos. Além disso, o biológico ajuda a somatizar todos esses aspectos. Os





hormônios variam todos os meses e nos tornamos presas fáceis para as menores adversidades. Em uma pesquisa realizada pela OMS e pela Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, constatou-se que, das cinco principais causas de incapacitação feminina por transtornos psicológicos, ou seja, deterioração da qualidade de vida, a Depressão é responsável por 13% dos casos, a síndrome do pânico por 3,3% e o transtorno obsessivo-compulsivo por 2,8%. Olhando deste ponto de vista, somos mesmo frágeis!

Uma outra semelhança no contexto de vida de cada personagem foi a presença de problemas familiares. Quem afirmou que a família é a base de um indivíduo, acertou em cheio! Viver em um lar harmonioso ajuda a manter a pessoa em equilíbrio e diminui as despesas com psicólogos – embora isso não queira dizer 100% de eficiência em todos os casos. Em toda velha regra, há uma boa exceção. Se, por algum motivo, o equilíbrio é destruído, a família atenta pode prevenir maiores complicações.

Além de todas essas semelhanças e pontos em comum, Vera, Patrícia, Laura, Alef e todos os portadores de distúrbios psicológicos têm um desejo em comum: melhorar. O tratamento tem de ser levado a sério e ser cumprido à risca para que esse desejo seja alcançado. Consultar uma segunda opinião é sempre interessante, mas a constante mudança de

[91]

médicos e de medicamentos não leva a lugar algum. Cada pessoa tem uma reação diferente e pode obter melhora com um tipo de tratamento específico. Alguns só respondem ao uso de remédios, outros conseguem livrar-se dos sintomas com o auxílio de um psicólogo. O tratamento é contínuo e só funciona no longo prazo. Portanto, não adianta perder a paciência querendo que o remédio dê jeito em alguns meses. Eles não são milagres divinos disfarçados de pílula! Os ansiolíticos e antidepressivos ajudam a regular o nível de Serotonina e Noradrenalina - neurotransmissores responsáveis pelo controle do funcionamento do sistema nervoso –, diminuindo os sintomas.

[92]

Os remédios, todavia, são medicamentos comuns, passíveis de falhas e efeitos colaterais. Infelizmente, eles não exterminam a doença, mas, se ingeridos regularmente e com o auxílio de uma terapia para tentar entender as causas que levaram ao surgimento do distúrbio, é possível controlar os sintomas. A vontade de se livrar do transtorno é tanta que os portadores iniciam o tratamento, começam a enxergar melhoras, mas depois abdicam. Os medicamentos só trazem efeitos visíveis nos dois primeiros meses. É por isso que, quando se muda de remédio ou se aumenta a dosagem, é tão bom. A pessoa tem uma ilusão passageira de alívio e quer continuar tendo o tempo todo. Alguns até se viciam nessa

sensação e pedem novas dosagens. Os remédios continuam controlando os sintomas, mesmo que não sejam mais perceptíveis.

Quando se acredita que o medicamento alopático não está resolvendo, muitos buscam auxílio nos tratamentos alternativos – o que é ótimo! Vale apenas ressaltar que eles vão ajudar e trazer benefícios se conciliados ao tratamento convencional. Sozinhos, os “alternativos” não vencem a batalha. A acupuntura e a Yoga são ótimas opções, pois ajudam a relaxar e a trazer o equilíbrio. Os esportes, o Pilates e a ginástica, como me explicou Aline Mendonça, fisioterapeuta responsável pela clínica Active Pilates, também contribuem com bons resultados diante da liberação de endorfina, que alivia as tensões e regula o humor. Os tratamentos alternativos são mais significativos em casos de transtornos leves e seus efeitos variam para cada indivíduo.

Cura. O que ela significa? Significa se livrar para todo o sempre de alguma coisa? Para os distúrbios, essa não é a mais sensata das definições. Aqui, a cura é alcançada se você aprende a controlar os sintomas e passa a viver bem. É possível ter uma vida “normal”, principalmente se você aprende a lidar com as dificuldades, se você descobre como tudo começou e se você se trata. Quando perguntei a Vera o que ela sentia em momento de crise, ela me respondeu que



se imaginava como uma árvore seca, esturricada, morta. Suas folhas começavam a cair e o fio de esperança de brotar nova folhagem ia se esvaindo. Só que as árvores não precisam secar. Se regadas diariamente, elas voltam a florescer. Minha pequena floresta de personagens tem imenso potencial para sair do período de estiagem. Talvez só ainda não se deram conta de que a Primavera pode aparecer a qualquer momento.



